

NOVAS REFLEXÕES DOCTRINÁRIAS



Leonardo Paixão

NOVAS REFLEXÕES DOCTRINÁRIAS

Leonardo Paixão

2017

NOVAS REFLEXÕES DOUTRINÁRIAS

Leonardo Paixão

Data da publicação: 31/08/2017

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

P172n

Paixão, Leonardo.

Novas reflexões doutrinárias / Leonardo Paixão; revisão de Cíntia Cortegoso, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2017.

185 p.

1. Mediunidade. 2. Espiritismo. 3. Doutrina Espírita. I. Cortegoso, Cíntia. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.9

19.ed.

Sumário

Prefácio	5
1 Espiritismo e Ecumenismo	10
2 Desaparecimento das Reuniões de Desobsessão nas Casas Espíritas?	14
3 Suicídio: Prevenção e Auxílio Espiritual	25
4 Sobre Médiuns e Mediunidade	30
5 Sobre a Poesia Mediúnica	38
6 Voo de Consciência	45
7 Simples	49
8 Animismo: Alguns Apontamentos	54
9 Falência de Médiuns	63
10 Médiuns Videntes	67
11 Importância do Estudo de O Livro dos Espíritos e Seus Efeitos Sublimes	71
12 - Os Espíritos e a Alimentação Carnívora	80
13 Pequeno Estudo Sobre Técnica da Obsessão	93
14 Reencarnação	105
15 Mediunidade	126
16 Obsessão nos Grupos Espíritas	146
17 Férias Espíritas?	157
18 O Zika Vírus Veio Para Legalizar o Aborto?	166
Referências	182

Prefácio

É com regozijo que bancamos alguns apontamentos sobre “Novas Reflexões Doutrinárias”, à guisa de introdução. Nossos apontamentos sobre o livro escrito pelo escritor e médium Leonardo Paixão tangem para breves e aleatórias transcrições de alguns trechos contidos no conjunto da obra. Foram eleitas questões coevas que permeiam para as oportunas instruções e reflexões doutrinárias.

Para o autor, todas as práticas de magia ou de feitiçaria, pelas quais se pretende domesticar os poderes ocultos para pô-los ao seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo – ainda que seja para lhe obter a saúde – são gravemente contrárias à virtude de religião. Recorda, ainda, que nas casas espíritas, muitas vezes, as pessoas querem a cura, anseiam o fenômeno, raras se preocupam com a transformação moral, com a mudança mental e, em face disso, recomenda a necessidade da priorização das reuniões de estudos espíritas.

Ajuíza de forma breve, simples cautelosa e objetiva a temática sobre o suicídio, ponderando sobre a sua prevenção e auxílio espiritual. No contexto, recorda que a obsessão simples não é tão simples como aparenta à primeira vista e, como todo processo de desobsessão,

é fundamental a constante vigilância e o esforço diário em busca da transformação moral.

Com justeza e rigor pronuncia que é da obsessão simples do “vou tomar uma cervejinha hoje só pra relaxar” que tem início a subjugação do alcoolismo; é da obsessão simples do “só esta vez, não acontecerá de novo” que se iniciam adultérios, uso de drogas ditas não lícitas, o comer em excesso, o desfalque de empresas, processos de irritabilidade promovendo discussões, a ociosidade.

Nos apontamentos que propõe sobre o animismo demonstra que tais manifestações do inconsciente vão além dos limites corporais e por isso designadas de extra-mediúnicas. Tais situações são tratadas de forma ainda obscuras nas casas espíritas. Por isso, recorda com Emmanuel que são muito poucos, ainda, os núcleos spiritistas que se podem entregar à prática mediúnica com plena consciência do serviço que têm em mãos; motivo por que é aconselhável a intensificação das reuniões de leitura, meditação e comentário geral para as ilações morais imprescindíveis no aparelhamento doutrinário, a fim de que numerosos centros bem-intencionados não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível.

Ainda diante dos quadros obsessivos, o autor explana sobre a responsabilidade que assume o obsidiado, visto que se não houver modificação

comportamental e se não ocorrer alteração do campo mental propício à penetração do mal, o obsedado estiolará os recursos psíquicos e permanecerá carregando a patologia fisiopsíquica. A obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades.

O autor remete o leitor a compreender a eficácia da oração. Avigora, com isso, a tese de que a prece, a vigilância nos pensamentos, a seleção das palavras, a vigília das atitudes, a conservação da sinceridade e da lealdade de sentimentos para com os companheiros de jornada são os antídotos contra o mal a benefício da própria defesa.

De forma conveniente ressalta sobre as chamadas "férias espíritas". Provoca, com isso, reflexões sobre a possibilidade da inércia produtiva, sugerindo que nesses intervalos possamos contribuir com algum serviço pessoal para assegurar a conservação e conforto do templo espírita que nos beneficiam, quais sejam: a pintura ou renovação de paredes, a restauração de utilidades, a reparação de livros edificantes ou tarefas concernentes à ordem e à limpeza em geral.

Recomenda ainda a coleta e seleção de material didático e doutrinário, tais como: livros, jornais e impressos espíritas, a fim de distribuí-los nas penitenciárias e hospitais, onde permanecem irmãos desejosos de mais amplos conhecimentos espirituais.

A leitura da obra será de todo muito proveitosa para quem assumir as suas reflexões.

Brasília, (DF) 26 de fevereiro de 2016.

Jorge Hessen

Desejando apenas contribuir com a edificação de um ser humano melhor, estou agradecido a Deus.

Leonardo Paixão

1 Espiritismo e Ecumenismo

Por que escrever sobre o tema do ecumenismo em relação ao Espiritismo? Justifica-se tal fato devido à ignorância de muitos sobre o tema. Ao falarmos de ecumenismo e Espiritismo, temos de saber primeiramente o que este tem a ver com aquele. Em primeiro lugar e para espanto de muitos adeptos apressados, o ecumenismo não tem nada a ver com o Espiritismo nem este com aquele.

O ecumenismo proposto pela Igreja Católica Apostólica Romana tem por objetivo unir os chamados por ela de "irmãos separados" como os Luteranos, Calvinistas, Anglicanos e os Ortodoxos russos e gregos. Para que se dê esta união (teologicamente se chama "uniata"), é preciso que esses "irmãos separados" aceitem certos dogmas de fé, como o da infalibilidade papal, o que deixa claro a intenção da Igreja em restaurar o poder perdido sobre os diversos grupos da cristandade. Quanto às demais religiões como o Judaísmo, o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo e o aspecto religioso do Espiritismo o que há não é ecumenismo e sim diálogo inter-religioso, e a bem da verdade, em se falando de Espiritismo não há nada, nem ecumenismo nem diálogo inter-religioso, pois não considerando o Espiritismo uma religião cristã o ecumenismo não é para ele, em relação ao diálogo inter-

religioso, segundo os parágrafos 2116 e 2117 do Catecismo da Igreja Católica (1), há a condenação explícita do Espiritismo e com um desconhecimento (será proposital?) profundo deste ao ombreá-lo com as diversas correntes da "New Age" que vem enriquecendo muitos espertalhões tanto quanto com práticas de magia ou feitiçaria que nada tem a ver com a Filosofia Espírita.

Não nos iludamos, o Espiritismo é ainda na visão tacanha dos líderes religiosos, especialmente dos líderes cristãos (ao menos se dizem), visto como obra demoníaca e ficam a citar textos da Bíblia isolados de seus contextos, quando a Bíblia é uma reunião de livros repletos de fatos mediúnicos desde a manifestação de Iavé no Sinai à materialização de Elias e Moisés no Monte Tabor (cf. Êxodo 19,20:19; Números 11, 29; Mateus 17, 1-9; Lucas 9, 28-36; Atos 2, 1-6; I Coríntios 12 - onde Paulo fala sobre os dons (vários tipos de mediunidade) à Igreja de Corinto).

O Espiritismo, disse Léon Denis na Introdução de "No Invisível", "é o futuro das religiões e não a religião do futuro", porém, para aí chegar há uma estrada longa a percorrer, pois a ignorância do que é o Espiritismo pelas religiões e até por adeptos mesmo da Doutrina Espírita atrasa a sua marcha, aqui repetimos Léon Denis (obra citada): "O Espiritismo será o que o fizerem os homens". E os homens e mulheres que estamos nos Centros Espíritas necessitamos de estudar o Espiritismo em suas bases: a Codificação e a Revista Espírita, bem

como as obras subsidiárias de Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Paul Gibier, Alfred Erny, Gustave Geley, Friedrich Zöllner, William Crookes, Adolfo Bezerra de Menezes, Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Hermínio Miranda, José Herculano Pires, etc., e obras mediúnicas de Zilda Gama, Chico Xavier, Yvonne Pereira, José Raul Teixeira, Divaldo Pereira Franco.

O estudo dessas obras nos faz conhecer o que é o Espiritismo, que permanece sendo o grande desconhecido, mas em sua marcha progressiva ele há de se fazer a Luz da Humanidade.

Do Catecismo da Igreja Católica, edição típica vaticana, diz em seu parágrafo:

2116. Todas as formas de adivinhação devem ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demônios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente reveladoras do futuro (45). A consulta dos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e de sortes, os fenômenos de vidência, o recurso aos 'médiuns', tudo isso encerra uma vontade de dominar o tempo, a história e, finalmente, os homens, ao mesmo tempo que é um desejo

de conluio com os poderes ocultos. Todas essas práticas estão em contradição com a honra e o respeito, penetrados de temor amoroso, que devemos a Deus e só a Ele.

2117. Todas as práticas de magia ou de feitiçaria, pelas quais se pretende domesticar os poderes ocultos para os pôr ao seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo – ainda que seja para lhe obter a saúde – são gravemente contrárias à virtude de religião. Tais práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas da intenção de fazer mal a outrem ou quando recorrem à intervenção dos demônios. O uso de amuletos também é repreensível. O espiritismo implica muitas vezes práticas divinatórias ou mágicas; por isso, a Igreja adverte os fiéis para que se acautelem dele. O recurso às medicinas ditas tradicionais não legitima nem a invocação dos poderes malignos, nem a exploração da credulidade alheia. (IGREJA CATÓLICA, 1998).

2 Desaparecimento das Reuniões de Desobsessão nas Casas Espíritas?

Allan Kardec, o edificador da Era do Espírito, trouxe-nos a advertência de que os Espíritos são as almas dos homens e mulheres que deixaram este mundo e que permanecem na dimensão espiritual tal como estavam em seus sentimentos e emoções, logo, se uma criatura ao deixar o corpo físico com raiva, ódio, sentimento de vingança do outro, tal ser se ligará àquele (a) por quem sente tais coisas. Em "A Gênese", no capítulo XIV, item 45, Kardec assim define obsessão:

Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um Espírito em

querer manifestar-se, com exclusão de qualquer outro. (KARDEC, 1996).

No item 46 esclarece Kardec: "(...) a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau".

O que fazer para evitar tal influência perniciosa? A primeira coisa é cuidar de nossas atitudes que se formam a partir do que desejamos. Emmanuel nos alerta para o seguinte fato: "*Desejando, sentes. Sentindo, mentalizas. Mentalizando, ages*" (*Pensamento e Vida*). Nos casos de obsessão, a renovação moral do obsidiado é fator decisivo para o seu reequilíbrio. Atentemos para o que nos orienta o Espírito Adolfo Bezerra de Menezes sobre o caso específico de obsessões sexuais e que servirá para os demais casos:

(...) E até obsessões sexuais, quando o atuante invisível, que tanto poderá ser um Espírito denominado 'masculino' como um denominado 'feminino', dominar um homem como uma mulher – valendo-se das tendências dos caracteres inclinados aos arrastamentos primitivos, às complexidades do sexo – induzi-la-á a quedas deploráveis perante si mesma, o próximo e a sociedade,

tais como o adultério, a prostituição, a desonra irreparável, pelo simples prazer de, através das vibrações materializadas da sua presa, que lhe concede clima vibratório propício, dar livre curso a apetites inferiores dos quais abusou no estado humano e os quais, degradantemente, conserva como desencarnado, em vista da inferioridade de princípios que gostosamente retém consigo, o que lhe estimula a mente, inibindo-a do desejo de progresso e iluminação espiritual. Geralmente exercida tão-só através da telepatia ou da sugestão mental, é bem certo que o obsessor estabelece uma oculta infiltração vibratória perniciosa, sobre o sistema nervoso do obsidiado, contaminando-lhe a mente, o perísprito, os pensamentos, até ao completo domínio das ações. Tais casos se apresentam dificilmente curáveis, não somente por aprazerem as vítimas conservá-los, como por ser ignorada de todos essa mesma infiltração estranha, e mais particularmente porque o tratamento seria antes moral, com a

reeducação mental do enfermo através de princípios elevados, que lhe faltaram, não raro, desde a infância.

Refutará o leitor, lembrando que, assim sendo, ninguém terá responsabilidades nos erros que sob tais influências cometer.

Acrescentaremos que a responsabilidade permanecerá também com o próprio obsidiado, visto que não só não houve a verdadeira alteração mental como também nenhum homem ou mulher será jamais influenciado ou obsidiado por entidades dessa categoria, se a estas não oferecer campo mental propício à penetração do mal, pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades. (MENEZES, 2010).

Falamos antes do processo obsessivo definindo-o e mostrando a importância da conduta digna, pois que este é um verdadeiro flagelo na Humanidade, devido a pulular na Terra os maus Espíritos, em consequência da

inferioridade moral de seus habitantes (A Gênese, cap. XIV, item 46).

A Doutrina Espírita nos traz recursos para lidar com esse flagelo que assola a humanidade: o esclarecimento espiritual ao obsidiado, mostrando-lhe a necessidade de reforma moral e a doutrinação do desencarnado em reuniões especializadas, com médiuns e dirigentes moralizados e instruídos nos Códigos da Doutrina.

Este recurso (desobsessão) deveria ser preocupação dos agrupamentos espíritas, no entanto, o que se vê são médiuns invigilantes e dirigentes de casas igualmente invigilantes mais preocupados com a realização de sessões de tratamento de saúde, não desmerecemos os que as realizam pautados na seriedade e na fidelidade aos princípios espíritas que esposaram, porém, vemos, infelizmente, uma gama de casas a só se dedicarem a este aspecto, esquecendo que os doentes necessitam de esclarecimento e que os espíritos que porventura nestes mesmos doentes atuem, necessitam de atendimento em reuniões próprias, mas a preocupação não é esta, o que importa é casa cheia sem nenhuma preocupação com qualidade. Vemos médiuns, como nos disse um amigo, deixando de ser eles mesmos para se tronarem um produto mediúnico, seja com a preocupação em vender livros quanto com o elogio e o aplauso que lhes enaltecem a personalidade, esquecendo-se de que Kardec em *O Livro dos Médiuns*,

cap. XX – Influência Moral dos Médiuns chama a atenção: “*Já tivemos de lamentar, várias vezes, os elogios feitos a alguns médiuns, com a intenção de encorajá-los*”. Prefere-se, conforme escrevi em artigo intitulado *Movimento Espírita em Campos dos Goytacazes, RJ – Uma Análise*, seguir com os modismos e inovações que têm enfeitado Casas Espíritas:

(...) tais o uso de jalecos pelos médiuns passistas, luzes amarelas, azuis, vermelhas e outras mais que tem que ficar acesas durante as reuniões públicas de esclarecimento (para que?) não há um motivo racional para isto, não estamos falando de uma luz que se acende na hora do passe para facilitar a concentração da assistência (isto quando à noite e quando a reunião é de dia? Já refletimos sobre isto?), mas de luzes acesas durante a explanação do orador (a), meditações e relaxamentos conduzidos por Espíritos que, sem uma análise sucinta, já se percebe o seu nenhum conteúdo, a dependência psicológica em que ficam muitos por conta de médiuns que acima da Doutrina colocam a

sua personalidade e adoram os elogios que se lhes façam, ainda que se ocultem numa falsa humildade. Aí sim, quando há apoio para esse pseudo-espíritismo, não mais se é ortodoxo, dogmático, retrógrado.

É preciso ter coragem para denunciar este estado de coisas abertamente, mostrando o equívoco em que se encontram muitas Casas compostas de pessoas de boa-vontade, mas de fraca ou nenhuma instrução doutrinária. (KARDEC, 2003).

Recordemos mais uma vez D. Yvonne Pereira e vejamos o que ela diz sobre o tema obsessão:

Temos para nós que esse difícil aprendizado, essa importante ciência de averiguar obsessões, obsessores e obsidiados deveria constituir especialidade entre os praticantes do Espiritismo, isto é, médiuns, presidentes de mesa, médiuns denominados passistas, etc. Assim como existem médicos pediatras, oculistas, neurologistas, etc., etc., também deveriam existir

espíritas especializados nos casos de tratamento de obsessões, visto que a estes será necessária uma dedicação absoluta a tal particularidade da Doutrina, para levar a bom termo o mandato. (MENEZES,1989).

Diz ainda a devotada médium Yvonne Pereira:

A obsessão merece dos verdadeiros espíritas as mais acuradas atenções. Ela já se infiltra até mesmo 'no seio dos santuários', isto é, nos templos espíritas pouco vigilantes, promovendo ciúmes entre seus componentes, vaidades, dissensões, mal-entendidos, 'reformas doutrinárias' e demais operosidades que contrariam os postulados da Doutrina, haja vista o que, no momento se passa, quando detectamos agrupamentos espíritas, dantes vistos e reconhecidos como templos, a exercerem o perfeito intercâmbio espiritual, hoje reduzidos a meros clubes onde verificamos de tudo: abusivas e inaceitáveis compras e vendas de

'lanches' e merendas, festas e cânticos, burocracia intransigente, diversões, recreios, mas não a 'casa do Senhor', de onde os Protetores Espirituais se retiram, e onde não mais contemplamos aquelas autênticas atividades próprias do Consolador, que eram o testemunho da presença do Cristo entre nós.

E não se falando da 'mania', ora em exercício, de 'modificar', 'renovar' e 'atualizar' a Doutrina dos Espíritos, que, pelo visto, deixou de agradar àqueles que acima dela desejam colocar a própria personalidade.

Afirmam os adeptos de tais movimentações que o espiritismo 'evoluiu', e que tudo isso não é senão o 'progresso' da Doutrina. Mas tal asserção é insana, pois que a lógica e o bom senso indicam que a evolução do Espiritismo seria, em parte, a vinda de outras revelações do Alto, a comunhão perfeita do consolador com os homens, a pesquisa legítima e séria, e não a deturpação que vemos nos ambientes que devem ser consagrados ao intercâmbio com o Alto, onde consolamos os mais

infelizes do que nós, e onde somos consolados e instruídos por aqueles seres angelicais que nos amam e que, há milênios, talvez, se esforçam por nos verem redimidos de tantos erros.

Certamente que muitos núcleos espíritas se conservam afinados com as forças do Alto, movimentando-se normalmente, sem as intromissões indevidas, que só podem desfigurar os ensinamentos que temos todos tido a honra de receber dos códigos doutrinários. (PEREIRA, 1994).

A falta de estudo que no espírita é um desleixo para com a Sublime Doutrina, promove esse estado de coisas, pois preferem médiuns e dirigentes se acomodarem e não desagradarem aos que lhes procuram os préstimos, porém, a doutrina não é feita para agradar, ela é feita para nos mostrar o caminho, nos orientar, daí a necessidade do estudo, tão desprezado por muitos, estes mesmos que preferem se manter guiados por guias cegos, esquecidos da advertência de Jesus no Evangelho: "Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova" (Mateus, 15;14).

Ilustrando isso contemos um fato pessoal. Uma frequentadora de determinada Casa Espírita relatando-

nos uma reunião de tratamento que varou a madrugada assim nos disse: "As pessoas querem a cura, querem o fenômeno, ninguém se preocupa em mudar intimamente". Ao que retrucamos: "Diminua-se o fenômeno e façam-se mais reuniões de estudos". Ela nos colocou o seguinte: "Ah! Mas, aí, não vai vir ninguém". E contra-argumentamos: "*Virá, sim. Os que verdadeiramente estarão interessados em se modificar*". Esse é o quadro que presenciamos e tanto nos entristece.

"Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo". Unamos as asas do amor e da sabedoria para que possamos voar seguindo pela rota certa, pois que na luz da verdade não se faz necessário tomar nenhum atalho.

3 Suicídio: Prevenção e Auxílio Espiritual

Da Terra, todavia, não eram raras as vezes que discípulos de Allan Kardec, procurando pautar atitudes por diretrizes cristãs, se congregavam periodicamente em gabinetes secretos, tais como os antigos iniciados no segredo dos santuários; e, respeitosos, obedecendo a impulsos fraternos por amor ao Cristo Divino, emitiam pensamentos caridosos em nosso favor, visitando-nos frequentemente através de correntes mentais vigorosas que a Prece santificava, tornando-as unguidas de ternura e compaixão, as quais caíam no recesso de nossas almas cruciadas e esquecidas, quais fulgores de consoladora esperança! (BOTELHO, 2010).

O relatório da Organização Mundial da Saúde informa "Uma pessoa se suicida no mundo a cada 40 segundos aproximadamente, ou seja, mais do que o número

combinado das vítimas de guerras e homicídios". (ORGANIZAÇÃO, 2006).

Estatísticas demonstram que o número de suicídio entre os jovens muito aumentou. "O suicídio é a segunda causa de morte no mundo entre os adolescentes de 15 a 19 anos, mas também alcança taxas elevadas entre pessoas mais velhas" (2). Várias são as causas de suicídio entre os jovens: excesso de estudo com pressão psicológica no campo da competitividade; desemprego, fazendo com que o jovem se sinta um inútil; abuso da sexualidade, especialmente quando ex-namorados fazem circular vídeos íntimos na Internet, levando muitas adolescentes a se decidirem, diante da vergonha perante a sociedade, pelo malfadado gesto; violência sexual; abuso de entorpecentes.

O filósofo russo Léon Tolstoi disse: "*A Vida é Deus e amar a Vida é amar a Deus*". Somente uma sólida educação moral, que muito tem faltado na atual realidade humana, é um preventivo do suicídio.

(...) a prevenção do suicídio envolve uma variedade de atividades, incluindo a boa educação das crianças, aconselhamento familiar, tratamento das perturbações mentais, controle ambiental de fatores de risco, e educação da comunidade. A educação eficaz da comunidade, uma intervenção vital

e básica, inclui o entendimento das causas do suicídio, assim como a sua prevenção e tratamento. (ORGANIZAÇÃO, 2006).

Essa educação moral começa no núcleo familiar – célula mater da sociedade –, onde desde o nascimento à vida adulta, os responsáveis pelos rebentos de seu lar deverão dar o exemplo de uma vida digna, demonstrando quanto traz quietação interior uma vivência regrada, honesta, desapegada, não voltada para o sistema consumista que deseja governar o mundo e que infelizmente já governa a vida de milhões de pessoas, haja vista os casos e criações de grupos de tratamento para consumistas desenfreados.

Não podemos deixar de falar sobre a posição religiosa, pois que a fé em Deus – o que representa falar que se crê em Deus – é de importância capital; quando se tem a convicção de que uma Força, uma Lei Maior rege o Universo e que se é manifestação da Vontade desta Força, há de se pensar bem ante qualquer dificuldade que, à primeira vista, pareça insolúvel e que apenas com o findar da existência se alcançaria o fim da problemática. Não. O ser de fé, mas fé verdadeira, não vacilante, sabe que possui um recurso essencial que lhe garante não só a paz íntima como também lhe dá ideias a surgirem “do nada” (processo intuitivo), favorecendo-o na resolução de seus problemas: a prece (3).

No excerto que colocamos antes de nosso texto, temos amplos assuntos de estudo, desde a figura de Allan Kardec, as reuniões espíritas e o auxílio da prece aos que, frágeis diante das adversidades, escolheram o suicídio como porta de saída de seus sofrimentos e os encontrando muito maiores na Vida pós-morte.

Que nós, espíritas, discípulos de Allan Kardec e do Amor do Cristo, não nos esqueçamos de, diariamente, enviarmos aos nossos irmãos suicidas o bálsamo reconfortante a levar ternura e compaixão a essas almas de muitos, mesmo de seus familiares, esquecidas. Assim fazendo, também a nós a Misericórdia Divina auxiliará, além de, no Mundo dos Espíritos, granjearmos amigos repletos de gratidão por nosso ato simples, mas de inexcedível valor.

Falamos do ato da prece independente da religião de cada um, o colocamos como recurso, pois, como espírita bem compreendemos a oração como excelente recurso a aliviar nossas angústias e a favorecer a intuição. É interessante observar o seguinte trecho do Relatório, da Organização Mundial da Saúde sobre suicídio:

Durante a gestão do suicídio, é importante que o conselheiro não expresse perspectivas morais, religiosas, ou filosóficas pessoais, pois as mesmas poderiam contribuir para bloquear a comunicação e

alienar o indivíduo suicida. Recursos potencialmente úteis, tanto pessoais como da comunidade, necessitam de ser processados com o indivíduo. Isto pode incluir a família, amigos, sacerdotes, curandeiros, ou outras fontes de apoio. Também é importante não fazer promessas a respeito de confidencialidade acerca das intenções suicidas do indivíduo. (ORGANIZAÇÃO, 2006).

4 Sobre Médiuns e Mediunidade

A mediunidade é tema sempre frequente nos estudos do Espiritismo e isso por um motivo muito claro: o Espiritismo foi organizado a partir de comunicações mediúnicas analisadas por Allan Kardec que, então, percebendo no teor de comunicações sérias uma filosofia, organizou-as e as dispôs em livros.

Os médiuns devem ser interessados no estudo da faculdade mediúnica, pois, somente com uma orientação devida não se deixarão envolver não só por espíritos mistificadores e zombeteiros, mas também por sentimentos outros próprios da personalidade humana como vaidade, orgulho, personalismo etc.

Ao estudarmos a mediunidade, compreendemos que se trata de uma faculdade natural e que o fato de se possuí-la não torna ninguém especial ou santo.

Infelizmente, muitos espíritas leem, estudam até, mas não compreendem tal coisa. Isso está patente quando vemos em eventos como Seminários e Congressos, onde médiuns que também são oradores, neles comparecem. É uma ânsia de se aproximar deles, abraçá-los, beijá-los, perguntar-lhes o que desejam (no sentido de se lhes saciar a sede ou a fome), compram-se os livros por estes médiuns psicografados e, não raro,

ficam eles nas prateleiras sem a utilidade que devem ter: o de serem estudados. Esquece-se aqui da instrução de Allan Kardec que é a de tudo se examinar e, independente de qual médium tenha sido instrumento desta ou daquela mensagem, deste ou daquele livro, se algo provocar dúvida, que a informação dada seja posta como uma opinião do Espírito e não como uma verdade, um princípio da Doutrina. Na Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, item II, no 6º parágrafo adverte Kardec:

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofâmanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados,

se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas. (KARDEC, 2004).

Que temos visto ocorrer? Livros e mais livros saindo de editoras e os médiuns que os recebem não os colocando para a análise, mas os dando a público e os defendendo nas palestras que fazem. Há os que dizem ser tal ou qual comunicação deste ou daquele Espírito, opiniões deles, mas quando surge alguém e lhes mostra a falta de lógica nesta ou naquela posição tomada pelo Espírito, o médium, ao invés de agir, dizendo que a questão, se for verdadeira, o futuro dirá, através de

outras comunicações por outros médiuns e por outros Espíritos ou até, dependendo do que fala a comunicação, do progresso científico da Humanidade, prefere o médium acusar os que pensam diferente de sarcásticos juízes, esses estão na seguinte classificação de Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, segunda parte, capítulo XVI, item 196:

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos suscetibilizam-se com as críticas de que sejam objeto suas comunicações; zangam-se com a menor contradição e, se mostram o que obtém, é para que seja admirado e não para que se lhes dê um parecer. Geralmente, tomam aversão às pessoas que os não aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não possam impor-se e dominar. Deixai que se vão pavonear algures e procurar ouvidos mais complacentes, ou que se isolem; nada perdem as reuniões que da presença deles ficam privadas. (KARDEC, 2003).

Duras palavras de Erasto, mas não menos verdadeiras.

Claro que encontramos médiuns que se portam dignamente, não se dando valor acima do real e

conscientes de que não estão isentos de serem enganados, por isso, levam as comunicações que recebem a companheiros mais experientes, não se aborrecendo com as críticas que se façam às suas produções mediúnicas. Uma qualidade de médiuns que parece estar a faltar é a de *O Livro dos Médiuns*, item 196, daí se chegará à qualidade de "médiun seguro

Médiuns modestos: os que nenhum reclamo fazem das comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Consideram-se estranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de evitarem as opiniões desinteressadas, solicitam-nas. (KARDEC, 2004).

Estudar a Doutrina Espírita em suas bases, manter uma conduta digna, orar com fervor diariamente, não se gloriar com as comunicações que recebe seja qual for o nome que as assine, esta a defesa para o personalismo. Os Espíritos Sebastião Lasneau e Eurícles Formiga aconselham aos médiuns nestes sonetos:

MÉDIUM COM JESUS

Sebastião Lasneau

Mediunidade é o dom que nos delega

O Criador para o nosso progresso,
Pois cada psiquismo se encontra imerso
Na torrente mental que tudo agrega.

Mediunidade é base do altruísmo
E do socorro àquele que estorcega;
Da escuridão a consciência despega
Com paciência, longe do imediatismo.

Bendito é quem, pela mediunidade,
Valoriza o bem e a fraternidade,
E se renova, alcançando mais luz,

Por ter tornado o estudo continuado
O caminho seguro e alcandorado
Para ser um bom médium com Jesus.

(Mensagem psicografada por José Raul Teixeira, em 06/10/2010, durante a Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional da FEB, em Brasília, DF e publicada em Reformador em janeiro de 2011).

MEDIUNIDADE GLORIOSA

Eurícles Formiga

Faculdade natural na espécie humana
É a mediunidade, dom divino

Sem distinção, do servo ao menino
Pois uma só é a fonte donde promana...

Exercer a faculdade que irmana
Todos os seres em passo unísono
É louvar ao Senhor com afável hino
Que do coração fiel emana...

Faça bom uso da mediunidade
Estudando e trabalhando na caridade
Sempre com atitude digna, honrosa.

Assim agindo, com probidade
Alcançarás interior felicidade
Elevando-te à mediunidade gloriosa...

(Soneto recebido em reunião íntima do Culto Newton Boechat no dia 29/05/2014 pelo médium Leonardo Paixão).

Médiuns, esforcem-se para com Jesus alçarem a mediunidade, a mediunidade gloriosa.

Em relação às obras de Kardec, concordamos com o que diz o espírito Deolindo Amorim:

(...) Alguns confrades, referindo-se a um pentateuco kardequiano, constituído pelo O livro dos

espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, dão-lhe tal conotação que ficam a um passo da sacralização dos textos, olvidando não só a natureza da doutrina espírita, mas também a importância de outros textos de Kardec como todo o material recolhido na Revista Espírita (AMORIM, Deolindo (espírito). Convite à Reflexão [psicografia e notas de] Élzio Ferreira de Souza. São Paulo, SP: Lachâtre, 2008. p. 52 – nota 1).

5 Sobre a Poesia Mediúnica

A poesia mediúnica tem perdido o seu valor no Movimento Espírita atual. Leem-se muitos romances e se ignora a poesia. Por que isso ocorre? Seria falta de sensibilidade dos espíritas da atual geração? Seria por que obras poéticas mediúnicas tiveram o seu momento? Negamo-nos a admitir as duas hipóteses sugeridas, preferimos pensar que tal ocorrência se faz, principalmente, por uma falta de orientação adequada em relação à análise de textos espíritas sejam mediúnicos ou não.

Tem-se dado muita atenção a escritores e, em especial a médiuns psicógrafos, como se estes fossem novos oráculos a orientar a vida dos que os procuram. Esse é um errôneo entendimento, totalmente contrário à orientação de uma Doutrina que prima pela razão, pela análise e não por opiniões seja de encarnados ou desencarnados.

Penso que devemos realizar o resgate da poesia mediúnica, pois, como já disseram espíritas estudiosos como Luciano dos Anjos e o agora projeciologista Waldo Vieira, a poesia mediúnica é uma evidência da imortalidade do ser, pois é muito difícil colocar no papel o estilo próprio de um poeta, quanto mais os de vários poetas como foi o caso de Chico Xavier, Waldo Vieira,

Jorge Rizzini, América Delgado – pelo que sabemos esta médium tinha uma sintonia específica com Guerra Junqueiro, ver o livro *Os Funerais da Santa Sé*, Júlio Cezar Grandi Ribeiro, Irthes Therezinha, Newton Boechat, Eurícles Formiga, Dolores Bacelar, Raul Teixeira, como vemos, são poucos nomes aqui listados, dez nomes apenas e, isso, pelo fato seguinte exposto por Allan Kardec: "*médiuns versejadores: obtém, mais facilmente do que outros comunicações em versos. Muito comuns para os maus versos; muito raros [grifo nosso] para os versos bons.*" *O Livro dos Médiuns, item 193, capítulo 16.* (KARDEC, 2003). Psicografar poesias é, portanto, uma especialidade, qualidade que não é dada a todos os médiuns, não se podendo exigir do médium o que ele não pode dar, do contrário será dar entrada à intromissão de espíritos mistificadores, caso o médium não seja firme em se limitar na sua especialidade.

Escrevendo sobre a poesia mediúnica em apresentação ao livro "Castro Alves fala à Terra", que reúne poesias deste poeta captadas por três médiuns: Chico Xavier, Waldo Vieira e Jorge Rizzini, esclarece o filósofo, poeta e jornalista José Herculano Pires:

Haverá sempre quem aponte defeitos, vacilações, momentos de frouxidão nesta ou naquela estrofe dos poemas que nos chegam do Além. Que importam as possíveis falhas de captação mediúnica,

diante da força e da beleza de cada poema no seu conjunto? A concepção de cada um desses poemas só encontra, em nossa poética de ontem e de hoje, uma fonte possível: Castro Alves. E se eles não existissem, não tivessem sido captados mediunicamente e publicados, a poesia brasileira num sentido geral (mediúnica ou não) seria mais pobre em seu conteúdo humano. (ALVES, 2000).

Escrevendo para apresentar o livro “Antologia do Mais Além”, de Espíritos Diversos/psicografia de Jorge Rizzini diz: “A poesia mediúnica foi até hoje considerada como marginal.” (ANTOLOGIA, 1993).

A poesia e toda a literatura mediúnica. Os críticos têm receio de se pronunciar sobre ela e quando o fazem é de maneira irônica. Servem-se da ironia para se salvarem dos preconceitos vigentes, preservarem o prestígio profissional e manterem a sua posição no aquário. Assim podem servir a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo. O aquário é o meio cultural em que se desenvolveram, com sua rotina, sua água parada e morna, nem fria nem quente, aquecida por meios artificiais. É uma delícia nadar nessa água sem maiores preocupações, no espaço limitado pelo grosso vidro da

vasilha. Por que pensar nas coisas que poderiam existir além do vidro?

Mas a obra literária, como todas as coisas feitas por Deus ou pelo homem, vale por si mesma e não pelos canais da sua realização. Um poema é o que é. Pouco importa se foi feito por Homero ou por Zé Mindim numa sitioca da Sorocabana. Tem de ser aceito pelo que ele é, não pela sua origem. Uma comédia de Shakespeare é uma comédia, seja dele, de Bacon ou de quem for. Mas se for um pasticho? Ora, acaso o pasticho também não é arte? Pode alguém pastichar com valor sem conhecer a obra do pastichado e sem ter habilidade e aptidão literárias? Mas nada disso pesa na balança. O crítico tem a sua regra. E se a consciência lhe pesa, usa a ironia. Assim não deixa de abordar o assunto e pode dar uma colher de chá aos amigos espíritas. Ah, os espíritas já se acostumaram tanto a ser ironizados!

Com exceções, por sinal muito corajosas, nossos críticos e literatos torcem o nariz ilustre diante da poesia mediúnica. Monumentos poéticos como o Parnaso de Além Túmulo, a Antologia dos Imortais, Poetas Redivivos, Sonetos de Vida e Luz, O Espírito de Cornélio Pires são atirados ao lixo, fora do aquário, nos arrabaldes da cidade das letras, para uso e gozo da ralé. O argumento justificativo é sempre o mesmo: trata-se de pasticho ou de fabulações inconscientes da escrita automática.

Mas hoje as coisas mudaram. Os aquários estão sendo quebrados. A ciência materialona de há meio século descobriu novas dimensões da realidade, rompeu para sempre a rotina cultural. A tese espírita dos universos interpenetrados comprovou-se em laboratório. A teoria do corpo espiritual, que é o corpo da ressurreição e portanto da sobrevivência, foi confirmada pelos materialistas soviéticos na descoberta do corpo bioplástico. Os problemas da morte e da reencarnação, bem como os da comunicação mental, não só entre os vivos, mas também entre vivos e mortos, foram incorporados pela investigação científica. A possibilidade da transmissão de obras literárias por via paranormal, que vale dizer pela mediunidade, é admitida mundialmente pelos cientistas atualizados. Chegou o momento em que o problema da literatura mediúnica não deve mais assustar os críticos mas atrair a sua atenção.

Uma das frequentes objeções que fazem os céticos sobre a poesia mediúnica é de que “os poetas desencarnados se repetem e se parodiam a todo o momento”. Eis a resposta dada a tal questionamento:

Provavelmente o estimado irmão se refere ao fato dos poetas desencarnados escreverem textos que se ligam de alguma forma (contexto, título, rima ou métrica) a textos seus enquanto encarnados;

esquece, porém (como poderemos ler em 'Parnaso de Além Túmulo') que a maioria, para não dizer todos, estes textos vêm tentando modificar a 'visão' antiquada e errônea que os poetas tinham do mundo enquanto encarnados e que, após o desencarne conhecendo as verdades espirituais -tiveram seus 'olhos abertos' e retornaram para 'corrigir' os erros ideológicos que tenham divulgado. (PAIXÃO, 2014).

Acrescentaremos a esta resposta que a observação feita pelo cético é muito superficial, pois poetas como Castro Alves e Guerra Junqueiro, por exemplo, não se prenderam apenas a dizer palavras melosas de caridade e amor como ridicularizam os descrentes. Podemos encontrar no poema "A um padre (Versos a um agressor do Espiritismo)", do livro "Parnaso de Além Túmulo", por Espíritos Diversos/Chico Xavier, a ironia e o estilo combativo de Junqueiro, o que também vamos encontrar através do médium Jorge Rizzini no soneto "Quevedo" que consta no livro "Antologia do Mais Além", de Espíritos Diversos. É possível encontrar nas duas obras poemas vários de Castro Alves, além de outros poetas a falarem de questões sociais e não só as "melosas palavras" de caridade e amor. Outros médiuns como os que citamos no início deste texto poderão

também ser consultados com frutos, desde que não se tenha ideia preconcebida, o que acanha a capacidade de observação. O que, no entanto, se faz comum a todos os poetas é o reverenciar a Imortalidade, pois se eles retornam do Além o seu objetivo primordial é fazer com que o homem se conscientize de que é Imortal.

Depreende-se que, se há estilos diversos, realmente há psicografia, apesar das explicações de céticos para o fenômeno, a questão é que é um fato e, como disse Clóvis Tavares "Discutam-se teorias, mas os fatos são indiscutíveis" (TAVARES, 2010).

6 Voo de Consciência

Apesar de suas tentativas de modernização da Igreja Católica com realizações de reuniões carismáticas (leia-se mediúnicas), vemos com a renúncia recente do Papa Bento XVI – o que caracterizou o ineditismo de se terem dois Papas na Igreja -, a fragilidade dela para se manter intacta diante de um mundo cada vez mais racional, onde a ingenuidade dos fieis desapareceu, restando aqui e ali um ou outro que se mantém ligado às suas tradições. O Espiritismo que veio restabelecer, através da interpretação em espírito, a Verdade trazida pelo Cristo, tem os seus profetas que denunciam estas e outras coisas, abrindo os olhos dos que os têm para ver. Eis aqui um exemplo de denúncia profética feita pelo Espírito do vate português Guerra Junqueiro que, através de médiuns como Chico Xavier, Jorge Rizzini, Dolores Bacelar, América Delgado e que vem escrevendo também por nós alguns versos. Abaixo do poema temos a opinião do senhor José Passini sobre. Apreciem.

AO PAPADO

Guerra Junqueiro e Casimiro Cunha

(Especialmente à renúncia do Papa Bento XVI)

Eis a grande prostituta, a Santa Igreja,
que pompas à vontade despeja,
relegando o povo sofredor e pobre
a ficar imerso em contemplação a lhe doar seu cobre.
Age assim a Igreja, esta vil Messalina
que doutrina ignóbil ensina,
traíndo os ideais do Cristo que são Luz.
Fala do Alto a inspiração à flux...
Ah! É apenas um morto que aqui fala,
dirão os tolos padres vestidos de esmeralda.
O morto, porém, se faz vivo
e sua voz entoa o terrível hino
da denúncia à crueldade que a Igreja espalha
conduzindo a homens como se fossem bonecos de palha.

O Papa – este ser mandado pelos negros jesuítas –,
vem agora a público renunciar à sua tiara
demonstrando da Igreja a estrutura fraca,
ela que se orgulha de existir há dois mil anos...

Mudanças são precisas hoje e sempre e tanto,
pois imutável só o Pai Celestial,
a Igreja, no entanto, se acha a Verdade Integral
e o seu Sumo Pontífice declara: "É preciso mudar da
Igreja os rumos".
É o reconhecimento de sua estrutura em areia
construída,

desabando após sísmicos tremores,
que deixam-na em chorosos clamores.
E o progresso é apenas da Natureza Lei Integral.

Segui, oh! clérigos impertinentes,
a enganar com sofismas aos ingênuos crentes,
que hoje vos veneram o saber,
mas que a verdade quando forem compreender –
a doutrina cristã em plenitude –, eis a abandonar os
sacros muros e fazer
de suas vidas um lindo canto ao fim do anoitecer.

Cantai Hosanas
Cristãos da Nova Era,
Cristo vos convida
A renovar a Terra.
A hora histórica
Da grande renovação
Começa agora
Em cada coração.
Avante espíritas, avante.
Jesus aguarda
O sagrado testemunho
Dos que estão na retaguarda.
Vamos seguindo adiante
Fazendo a nossa parte
E teremos por fim

A vitória na Imortalidade.

(Poema psicografado em reunião de psicografia do GE Luiz de Gonzaga no dia 22/02/2013 pelo médium Leonardo Paixão).

Opinião do senhor José Passini (Reitor da Universidade de Juiz de Fora, MG), enviada por e-mail:

Tudo identifica Guerra Junqueiro.

Cada vez mais, se evidencia o 666 do Apocalipse:

Os títulos do Papa, conforme o livro *A Caminho da Luz*, em Latim, se somados os algarismos romanos, nos três títulos, o resultado é 666.

VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS

VICARIVS FILII DEI

DVX CLERI

Abraço,

Passini

7 Simples

Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, cap. XXIII – item 238. (KARDEC, 2003).

Devido a trazer consigo a expressão “simples”, o gênero de obsessão que Allan Kardec classificou como *obsessão simples* tem sido mal interpretado por alguns adeptos do Espiritismo. O Codificador, no mesmo item 238 acima citado, afirma: “Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados”. É preciso compreender que Allan Kardec fala aqui especificamente dos médiuns ostensivos. Raciocinemos sobre o último parágrafo do item 238: “Podem incluir-se nesta categoria os casos de *obsessão física*, isto é, a que

consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos”.

Pois bem, a *obsessão física*, mais conhecida por *poltergeist*, ainda que simples, em geral, demanda, ao menos é a nossa experiência com tais casos, um certo tempo para que venha a cessar e, assim como um Espírito que vive a se intrometer nos comunicados de um médium não o faz em um só dia em caso de *obsessão simples*, os Espíritos que provocam o *poltergeist* ou *obsessão física* também buscam perturbar o máximo de tempo e, especialmente, em horas as mais inapropriadas. Raramente os fenômenos físicos deixam de ocorrer com apenas uma sessão de desobsessão, há casos que duram anos.

Em nosso Movimento Espírita atual tem ocorrido com enorme frequência tal gênero obsessivo, ao ponto de o tribuno Divaldo Pereira Franco dizer que 70 a 80% do Movimento Espírita está comandado pelas trevas. Perguntar-se-á: Mas, se está comandado pelas trevas não é por que se está no grau de obsessão por fascinação? Respondemos que não é o caso, e isso, devido a uma observação de nosso confrade Alírio de Cerqueira Filho, de que os Espíritos obsessores têm mantido a lucidez intelectual dos que mantêm sob sua influência, não interessa muito a esses Espíritos fechar as Casas Espíritas, a tática mudou, agora eles preferem ir adentrando a mente dos dirigentes e, devagar,

impondo ideias como o autoritarismo, a imposição do que se quer, a sensação de superioridade sobre os demais (conhecemos dirigente de casa espírita que interrompe palestras dos convidados a falarem na Casa que dirige, demonstrando prazer em se colocar como conhecedor, não enxergando o ridículo que passa por, claro, não ser superior a ninguém e a gerar antipatia dos frequentadores), são pessoas que, em se mantendo lúcidas, acreditam estar lutando pela pureza doutrinária, se esquecendo que pureza doutrinária é o,

(...) zelar pelo patrimônio que nos foi concedido pela Revelação, respeitar e praticar, com autenticidade e exemplos bons, os ensinamentos superiores, os quais há um século [hoje pouco mais de um século e meio] recebemos do Alto, é assimilarmos esses mesmos ensinamentos livres de sofismas e ideias pessoais que a vaidade inspira; é sermos humildes de coração e dignos da assistência espiritual que não cessamos de rogar, aprendendo com o Mestre as qualidades que de cada um de nós poderão fazer um discípulo verdadeiro, e não falsos profetas que deturpam tudo aquilo que nos

códigos doutrinários encontram.
PEREIRA, 1994).

A *obsessão simples*, como vemos, não é tão simples como aparenta à primeira vista e, como todo processo de desobsessão, é fundamental a constante vigilância e o esforço diário em busca da transformação moral, pois é da *obsessão simples* do "vou tomar uma cervejinha hoje só pra relaxar" que tem início a subjugação do alcoolismo; é da *obsessão simples* do "só esta vez, não acontecerá de novo" que se iniciam adultérios, uso de drogas ditas não lícitas, o comer em excesso, o desfalque de empresas, processos de irritabilidade promovendo discussões, a ociosidade etc. Todos os dias os noticiários estão cheios de acontecimentos que aos estudiosos dos assuntos espíritas remetem a casos de *obsessão simples* que terminam em tragédias. No livro "Dramas da Obsessão", do Espírito Bezerra de Menezes, psicografia de Yvonne do Amaral Pereira, temos o relato de um caso de *obsessão simples* que poderia resultar em suicídios em uma família, aconselhamos a leitura ou a revisita da obra aos interessados no assunto.

Paciência, perseverança, autoconhecimento com reforma íntima e oração são itens essenciais ao obsidiado para que venha a se libertar do processo obsessivo.

Que nós, discípulos do Evangelho Redivivo, estejamos firmes, embasados no Evangelho e na Codificação Kardequiana para estarmos aptos à tarefa árdua e nobre da desobsessão. Vigilância sempre. Oração constante.

8 Animismo: Alguns Apontamentos



O Animismo é o grande fantasma dos médiuns, é ele o responsável pelas dúvidas que acarretam para estes, porém, quando bem compreendido, o médium entende que é um fenômeno natural, o grande problema, na verdade, é que os médiuns creem que, quando no trabalho mediúnico, têm de ficar totalmente passivos e em nada auxiliam o trabalho dos Espíritos.

O médium bem orientado, estudioso da Doutrina Espírita, sabe muito bem que os Espíritos usam dos conhecimentos que o médium possui para se expressarem, portanto, é razoável dizer que em todo fenômeno mediúnico há uma expressão anímica, mesmo nos casos de mediunidade mecânica, dita inconsciente.

O fenômeno anímico é tema de estudos do Espiritismo, célebres personalidades como Alexandre Aksakof e Ernesto Bozzano escreveram obras nas quais analisam tal fenômeno, são elas: *Animismo e Espiritismo* e *Animismo ou Espiritismo?*, respectivamente.

Aksakof classificou os fenômenos da seguinte forma:

1º Personismo.

2º Animismo.

3º Mediunismo

Allan Kardec, nobre Codificador do Espiritismo, não esteve alheio a tal fenômeno, na 2ª Parte de O Livro dos Médiuns, capítulo XIX – Do Papel dos Médiuns nas comunicações espíritas, Kardec faz 23 perguntas sobre os vários aspectos do animismo e coloca uma extensa dissertação de Erasto e Timóteo (Espíritos) sobre tal questão da qual vamos transcrever algumas partes:

Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, os nossos processos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos

Espíritos e todos os Espíritos percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos e isso em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles, ao passo que, para tais outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou do cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis.

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas.

É por essas razões que de preferência nos dirigimos, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, às classes cultas e instruídas, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje, aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, o

exercício das comunicações tangíveis, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, servindo-nos de um médium a quem essas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o Espírito desse médium, possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a Astronomia, com a Poesia, com a Medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

Allan Kardec, em nota à referida dissertação, termina com este salutar aviso; se os que reclamam esses fenômenos, como meio de se convencerem, estudassem previamente a teoria, haviam de saber em que condições excepcionais eles se produzem.

Os Espíritos têm falado em parceria mediúnica. Quanto a essa *parceria* de que nos falam os Espíritos,

Léon Denis adverte na 1ª Parte, cap. VII, do livro *No Invisível*:

Para comunicar conosco deverá o Espírito amortecer a intensidade de suas vibrações, ao mesmo tempo que ativará as nossas. Nisso pode o homem voluntariamente auxiliar; o ponto a atingir constitui para ele o estado de mediunidade.

Sabemos que a mediunidade, no maior número de suas aplicações, é a propriedade que têm alguns dentre nós de se exteriorizar em graus diversos, de se desprender do envoltório carnal e imprimir mais amplitude a suas vibrações psíquicas. Por seu lado, o Espírito libertado pela mente se impregna de matéria sutil e atenua suas radiações próprias, a fim de entrar em uníssono com o médium.

Sobre essa exteriorização psíquica, o Espírito Odilon Fernandes, através de nossas mãos escreveu:

TRANSE

O transe mediúnico caracteriza-se por uma exteriorização do ser psíquico, e daí a sua maior ou menor profundidade, porém, pode-se dizer que não só a exteriorização é responsável pelo transe como também é muito necessária à interiorização do mediano. A sondagem íntima proporciona ao médium a avaliação de sua capacidade para tal ou qual comunicado, como poderá o médium que não se moraliza receber longos

ditados sobre filosofia moral e Ética, se não faz nenhum esforço por se melhorar? Alguns médiuns imperfeitos e viciosos recebem de vez em quando ditados morais, mas não lhes dando atenção e não buscando fazer-se melhor, os espíritos sérios os deixam à mercê da sintonia que buscam.

Desejar um transe profundo não é suficiente para que tal se dê, entretanto, precisamos analisar melhor a expressão "transe mediúnico". O médium deve se esforçar por viver em um contínuo transe, expliquemo-nos: o transe mediúnico, como acima dissemos, é caracterizado não só pela exteriorização do ser psíquico, mas também por uma interiorização, que é o famoso "Conhece-te a ti mesmo". O "estado de transe" que os médiuns devem buscar não é a chamada inconsciência mediúnica, sim, a constante sintonia com os trabalhadores do Cristo. De nada adiantará a capacidade de maior exteriorização do ser psíquico, enquanto a interiorização não for parte da vida do medianeiro. Paulo de Tarso levou três anos no deserto em seu trabalho de reforma íntima e tornou-se médium do Cristo que, quando entre nós, era o Perfeito Médium de Deus.

Estejamos conscientes de nossas lutas e da necessidade delas para o nosso crescimento e tal como Paulo, do deserto de nossos corações florescerá a bela rosa por nos tornarmos também um "vaso escolhido" de Deus.

Odilon

(Página recebida espontaneamente no dia 04/12/2009 pelo médium Leonardo Paixão).

Encerrando esses apontamentos não poderíamos deixar de lembrar a advertência de D. Yvonne do Amaral Pereira em relação ao que podemos chamar animismo vicioso:

Nos casos do chamado animismo (automatismo mental), será conveniente que [o suposto médium] se afaste das sessões práticas e se dedique a estágios em setores diferentes, onde poderá ser aproveitável. A Seara Divina é extensa e fecunda e em qualquer situação serviremos ao Bem e à Verdade, se realmente houver o desejo de servir, e não somente no campo mediúnico. Muitos supostos médiuns, emaranhados nos complexos do animismo, uma vez afastados ou corrigidos das pretensões mediúnicas, têm conseguido equilibrar-se em outros setores, então realmente servindo à Doutrina Espírita e ao próximo. O automatismo mental, ou seja, o animismo, é a obsessão da própria

mente e poderá ocasionar consequências desagradáveis para quem a cultiva. Lembremo-nos de que o grande Paulo de Tarso, um dos maiores médiuns que o Cristianismo produziu, antes de se tornar o esteio do Cristianismo nascente recolheu-se ao deserto a fim de fazer a sua iniciação, num espaço de três longos anos. E o mesmo fizeram os demais médiuns do passado, isto é, os profetas e os grandes iniciados. Tenhamos, portanto, idênticas atitudes se nos desejarmos transformar em obreiros seguros e fiéis da Doutrina dos Espíritos, capazes de vencer os terríveis complexos geradores da obsessão. (MENEZES, 1989).

Vejamos a conceituação de cada um desses fenômenos:

- As manifestações do inconsciente, Aksakof definiu-as como PERSONISMO e disse que era a manifestação na qual havia o predomínio da adoção de um nome ou caráter de uma personalidade diferente daquela que habitualmente o sensitivo adotava e apresentava. Assim, é uma manifestação que se passa na intimidade do

sensitivo e, portanto, essa manifestação foi classificada como intramediúnic. Dessa forma, sugestões arquivadas, processos psicológicos das partes internas da personalidade, lembranças de outras vidas, os arquétipos fazem parte do Personismo. Portanto, todos os fatos do inconsciente que são trazidos ao consciente são manifestações dessa categoria.

- Ainda manifestações do inconsciente que vão além dos limites corporais e por isso denominadas de extramediúnicas fazem parte da categoria chamada de ANIMISMO (de anima ou alma). Nessa categoria Aksakof colocou fenômenos como a transmissão de pensamentos ou telepatia, a movimentação de objetos sem contato ou telecinesia, as projeções de duplos ou telefania e a bicorporeidade ou teleplastia. Atualmente, os fenômenos do Personismo e do Animismo em uma só classificação, pois são da alma humana, do Espírito encarnado e, assim, fica apenas o Animismo, devido à semântica da própria palavra.

- O último fenômeno classificado foi o MEDIUNISMO, que era a manifestação produzida pelos desencarnados agindo sobre o psiquismo de um encarnado.

9 Falência de Médiuns

Quanto aos profetas, que falem dois ou três e que os outros julguem. Se algum outro participante tem uma revelação, que o primeiro se cale. Pois vós todos podeis profetizar, cada um de uma vez, a fim de que todos sejam instruídos e encorajados. Os espíritos dos profetas estão submetidos aos profetas; pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz – Paulo (I Coríntios, 14:29-33).

As instruções do Apóstolo Paulo à Igreja de Corinto são de molde a nos fazer refletir sobre a disciplina que devem ter os médiuns espíritas, pois que são eles os instrumentos através dos quais a Espiritualidade Superior transmite os seus ensinamentos.

Os Coríntios preferiam as faculdades por eles consideradas espetaculares, como a xenoglossia (o falar em outro idioma), por exemplo, e Paulo coloca acima desta possibilidade mediúnica, a edificação de toda a comunidade (conforme I Coríntios, 14:3-5).

Tal como na época do Apóstolo Paulo, também hoje, médiuns desejando a realização de prodígios. São esses os médiuns invigilantes a promoverem sessões de cura sem o mínimo de prudência no contato com o Além-Túmulo, dando vazão a Espíritos que, utilizando do título de médicos, além das supostas curas, realizam revelações sobre o passado dos que lhes buscam o socorro sem nenhum escrúpulo; são os médiuns psicógrafos que, envolvidos por errôneas orientações de que devem ser autônomos e, com isso, passam a não mais deixar sua produção para análise, têm a qualidade de seus escritos diminuída com os seus guias a não mais encontrarem neles um instrumento fiel; são os médiuns videntes e audientes que não vigiam o que veem e ouvem, não buscando em pessoas esclarecidas na Doutrina, posicionamento sobre o "viram e/ou ouviram", que não se controlam e falam com qualquer pessoa sobre as visões de morte, doenças, passado e presença de espíritos infelizes, esquecendo que a discricão é qualidade imprescindível ao bom médium; são os médiuns psicofônicos (falantes) que permitem aos Espíritos extrapolarem em suas manifestações, que caem em transe em momentos inadequados em festas entre amigos, familiares e mesmo em seu lar com o esposo ou a esposa e filhos, em atitude totalmente incoerente com a postura de médium verdadeiramente educado.

As considerações feitas acima nos deixam claro que médiuns que assim agem não se adequam à rígida disciplina que deve vigor nas reuniões bem orientadas.

Temos observado médiuns que, não satisfeitos com mudanças em Grupos Espíritas que frequentam – mudanças a colocarem excelente disciplina baseada na Codificação e em obras de medianeiros sérios como Chico Xavier, Divaldo Franco, Raul Teixeira, Yvonne Pereira e João Nunes Maia – começam a criticar a direção da Casa e a dizê-la muito rígida. Lógico que isso fazem às ocultas, em momentos em que estão a sós com este ou aquele membro do Grupo, o que deixa claro a influência obsessiva de que são “vítimas”. Essa influência se faz notar, principalmente, quando vemos os médiuns a darem desculpas para não participarem das reuniões de estudo em grupo. Qual o objetivo desses médiuns? Serem considerados especiais, dizem não querer isso, mas, no fundo, querem ser elogiados, receberem palavras que os façam se sentir valorizados, reconhecidos, enfim, acima da mediunidade e da Doutrina Espírita, colocam a sua personalidade totalmente esquecidos destas palavras do Evangelho de João, capítulo 3:30: “É necessário que Ele cresça e que eu diminua”. Tanto esquecem essas palavras que almejam orientar multidões e estarem ou fundarem um Grupo ou Casa Espírita de grandes dimensões.

Deixamos aqui alguns pontos para reflexão de dirigentes, médiuns e estudiosos da Doutrina, relatando alguns fatos e atitudes que levam à falência de médiuns.

Terminamos com a advertência seriíssima do Espírito Emmanuel no livro O Consolador, questão 371:

Devem ser intensificadas no Espiritismo as sessões de fenômenos mediúnicos?

– São muito poucos, ainda, os núcleos espíritistas que se podem entregar à prática mediúmica com plena consciência do serviço que têm em mãos; motivo por que é aconselhável a intensificação das reuniões de leitura, meditação e comentário geral para as ilações morais imprescindíveis no aparelhamento doutrinário, a fim de que numerosos centros bem-intencionados não venham a cair no desânimo ou na incompreensão por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível.

Consideramos que a resposta de Emmanuel é o argumento sem réplica aos médiuns que teimam em não estudar e às pessoas crédulas que só com a mediunidade querem se ocupar quando se trata de Doutrina Espírita.

10 Médiuns Videntes

Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas. O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, capítulo XIV, item 171. (KARDEC, 2003)

Allan Kardec, o bom senso encarnado, no dizer de Camille Flammarion, nos deixa bem claro que a mediunidade da vidência, isto é, a que possibilita ver os Espíritos, é a de que mais se deve desconfiar.

O médium vidente é aquele que não diz apenas que há um Espírito ao nosso lado, é o que nos dará as características do Espírito: cor dos cabelos, altura, vestimenta, sexo, podendo até perceber a personalidade do Espírito, se sério, de bom humor etc. Infelizmente há médiuns ou supostos médiuns que a todo o momento estão (ou dizem estar) a ver Espíritos, luzes, nuvens escuras etc., esquecidos de que o Codificador em O Livro dos Médiuns alerta para o fato de que a faculdade de ver os Espíritos é intermitente e que, muito raro é quem a tenha em caráter permanente, assim sendo, o que dirá

se se é médium vidente é a frequência com que se vê os Espíritos, por exemplo, a médium Yvonne do Amaral Pereira relata que em trabalhos mediúnicos na Casa Espírita ela, em geral, via os Espíritos, mas que, fora desses trabalhos esta percepção não lhe era acionada, a não ser em raríssimos casos.

Se a mediunidade vidente é a que mais se presta à desconfiança, o médium vidente deve ser o primeiro a desconfiar de suas visões e, para tanto, deverá o médium estar sempre, diariamente, a estudar a Codificação e o Evangelho, buscando ainda, em pessoas sérias e experientes na Doutrina aconselhamentos e orientações. A frequência às reuniões de estudos doutrinários em grupo é de fundamental importância, pois, as reuniões de estudo trazem discernimento, um dos dons espirituais de que fala Paulo, o Apóstolo em I Coríntios, 12:10.

Em nossa pequena experiência no Espiritismo e com médiuns, percebemos quão raro é encontrarmos médiuns ostensivos, especialmente médiuns videntes, mas, como falamos acima, é muito comum encontrarmos os que desejando se promover dizem ver quando nada veem, são os que não compreendendo a Doutrina, deixam passar o tempo e nada produzem, quando a Seara é imensa e os trabalhadores são tão poucos. Há diversos setores em que se pode trabalhar: evangelização, passes, oratória, assistência aos

necessitados, enfim, Espiritismo não é só trabalho mediúnico.

Fixar o pensamento em uma faculdade que não se possui ou se possui, mas não em um grau satisfatório, é estar a um passo da fascinação, promovendo tristes quadros de mistificação. Por outro lado, há médiuns positivos que com o passar do tempo, devido a não se disciplinarem, passam a ter visões que não retratam a realidade e, quando isso se diz a eles, fingem aceitar para logo depois darem justificativas e tentarem reverter o quadro, no desejo profundo de serem aceitos, o que revela a falta de humildade e também de sinceridade consigo mesmos.

Conhecemos médiuns videntes que, ao verem que seus interesses próprios não estavam a ser atendidos neste ou naquele grupo de trabalhos mediúnicos, começaram a explicar para os membros do grupo que já não viam mais tal ou qual Espírito; que médium tal não deveria ser acreditado, quando à vista dos observadores (incluindo nós), o respectivo médium é idôneo e responsável em seu trabalho; que não veem os Espíritos necessitados na Casa, como se o fato de ver ou não ver fosse o que determina se o grupo é sério ou não. Tais relatos devem ser recebidos pela direção dos trabalhos com extrema prudência, pois a confiança irrestrita em médiuns videntes é postura contrária ao que nos adverte o Codificador, levando médiuns e dirigentes à derrocada.

Dediquemo-nos aos estudos, pratiquemos todo o bem que nos for possível realizar, oremos pelos que nos pedem preces, visitemos os enfermos e, na medida em que fizermos isso, a nossa intuição frutificará em aljôfares de paz. Eis o caminho para nos elevarmos à mediunidade gloriosa.

11 Importância do Estudo de O Livro dos Espíritos e Seus Efeitos Sublimes

Deixaremos aos leitores dois relatos sobre O Livro dos Espíritos, o que claramente justifica o título que colocamos.

Do livro "O Espírito da Verdade", psicografia de Chico Xavier: Há um século, Cap. XXV – Item 2

I

Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, naquela triste manhã de abril de 1860, estava exausto, acabrunhado.

Fazia frio.

Muito embora a consolidação da Sociedade Espírita de Paris e a promissora venda de livros escasseavam o dinheiro para a obra gigantesca que os Espíritos Superiores lhe haviam colocado nas mãos.

A pressão aumentava.

Missivas sarcásticas avolumavam-se à mesa.

Quando mais desalentado se mostrava, chega a paciente esposa, madame Rivail – a doce Gaby –, a entregar-lhe certa encomenda cuidadosamente apresentada.

II

O professor abriu o embrulho, encontrando uma carta singela.

E leu:

"Sr. Allan Kardec:

Respeitoso abraço.

Com a minha gratidão, remeto-lhe o livro anexo, bem como a sua história, rogando-lhe, antes de tudo, prosseguir em suas tarefas de esclarecimento da Humanidade, pois tenho fortes razões para isso.

Sou encadernador desde a meninice, trabalhando em grande casa desta capital.

Há cerca de dois anos casei-me com aquela que se revelou minha companheira ideal. Nossa vida corria normalmente e tudo era alegria e esperança, quando, no início deste ano, de modo inesperado, minha Antoinette partiu desta vida, levada por sorrateira moléstia.

Meu desespero foi indescritível e julguei-me condenado ao desamparo extremo.

Sem confiança em Deus, sentindo as necessidades do homem do mundo e vivendo com as dúvidas aflitivas de nosso século, resolvera seguir o caminho de tantos outros, ante a fatalidade...

A prova da separação vencera-me e eu não passava, agora, de trapo humano.

Faltava ao trabalho e meu chefe, reto e ríspido, ameaçava-me com a dispensa.

Minhas forças fugiam.

Namorara diversas vezes o Sena e acabei planeando o suicídio.

“Seria fácil, não sei nadar” – pensava.

Sucediam-se noites de insônia e dias de angústia. Em madrugada fria, quando as preocupações e o desânimo me dominaram mais fortemente, busquei a Ponte Marie.

Olhei em torno, contemplando a corrente... E, ao fixar a mão direita para atirar-me, toquei um objeto algo molhado que se deslocou da amurada, caindo-me aos pés.

Surpreendido, distingui um livro que o orvalho umedecera.

Tomei o volume nas mãos e, procurando a luz mortíça de poste vizinho, pude ler, logo no frontispício, entre irritado e curioso:

Esta obra salvou-me a vida. Leia-a com atenção e tenha bom proveito. – A. Laurent.

Estupefato, li a obra O Livro dos Espíritos, ao qual acrescentei breve mensagem, volume esse que passo às suas mãos abnegadas, autorizando o distinto amigo a fazer dele o que lhe aprouver.

Ainda constavam da mensagem agradecimentos finais, a assinatura, a data e o endereço do remetente.

O Codificador desempacotou, então, um exemplar de O Livro dos Espíritos ricamente encadernado, em cuja capa viu as iniciais do seu pseudônimo e na página do frontispício, levemente manchada, leu com emoção não

somente a observação a que o missivista se referira, mas também outra, em letra firme:

“Salvou-me também. Deus abençoe as almas que cooperaram em sua publicação. – Joseph Perrier”.

III

Após a leitura da carta providencial, o Professor Rivail experimentou nova luz a banhá-lo por dentro.

Conchegando o livro ao peito, raciocinava, não mais em termos de desânimo ou sofrimento, mas sim na pauta de radiosa esperança.

Era preciso continuar, desculpar as injúrias, abraçar o sacrifício e desconhecer as pedradas.

Diante de seu espírito turbilhonava o mundo necessitado de renovação e consolo.

Allan Kardec levantou-se da velha poltrona, abriu a janela à sua frente, contemplando a via pública onde passavam operários e mulheres do povo, crianças e velhinhos.

O notável obreiro da Grande Revelação respirou a longos haustos e, antes de retomar a caneta para o serviço costumeiro, levou o lenço aos olhos e limpou uma lágrima.

Hilário Silva

Do livro João Nunes Maia – Uma Biografia, de Ariane de Quadros Corrêa:

O Livro dos Espíritos

João Nunes orientava sempre os companheiros que o cercavam quanto às vibrações aos doentes, assim falando:

O enfermo, de uma forma geral, vive em faixa vibratória negativa, dado o seu desconforto por causa da doença. O visitante deve procurar manter uma conversação sadia e alegre, cheia de conforto e esperança, buscando os sentimentos próprios do amor, desde o momento em que parte em direção àquele que, debilitado e carente, espera a presença amiga em qualquer hora.

A tendência do doente é reclamar e falar dos detalhes das dores que o cercam, e o esforço do tarefeiro em ação cristã deve ser o de ouvinte em primeiro lugar e, em seguida, o de modificador da atmosfera ambiente das reclamações, e, sendo possível, a leitura edificante é passo seguro para que o benefício espiritual ocorra e o objetivo da visita seja alcançado, melhorando o psiquismo do doente, arejando-lhe a mente e fortificando seus sentimentos de conformação nas provas por que passa, aliviando-lhe a alma.

Presenteie o doente com um livro e solicite dele o esforço de leitura para a manutenção de melhores vibrações no clima que o rodeia.

João Nunes, visitando um homem simples, marido de assídua frequentadora do Centro Espírita, levou-lhe de presente, na primeira visita, O Livro dos Espíritos, já

sabedor de que o citado irmão demoraria bom tempo acamado.

Este, ao receber o livro, agradeceu mas confessou: "não gosto de ler", acrescentando: "quando leio costume não entender".

João Nunes, com expressão de alegria, retrucou: "O livro é seu; faça dele o que quiser – agora, se aceita um conselho, põe debaixo do travesseiro...".

A enfermidade estacionara, o doente não se sentia nem melhor nem pior, aceitava os passes, a água fluidificada e notava quando os visitantes se atrasavam para chegar no dia combinado.

Certo dia, fora do dia de visita, João Nunes foi lá.

Conversa vem, conversa vai, e diz para o doente:

"O livro precisa respirar!

Ocê já pensou, rapaz, no sufoco do exemplar debaixo desse seu travesseiro, mais o peso de sua cabeça no escuro – tá faltando caridade...", e foi embora.

Dia de visita.

Alegria, cumprimentos.

Seu Nunes, comecei a ler o livro. Livro é mesmo uma coisa difícil.

Não tô entendendo nada!...

E João Nunes:

"Olha Miguel, o seu guia – cê sabe que tem guia né? – tá me dizendo aqui, que é procê ler assim mesmo".

A enfermidade se alastrava, aumentando as suas dificuldades e o tempo passava... ele esperava a visita qual um menino espera um presente. Se arrumava na cama recostado, ensaiando um sorriso de alegria.

"Seu Nunes, terminei de ler o livro – não entendi nada".

E João Nunes.

"Então, Miguel, lê de novo - ocê tem tempo e é bom pra distrair".

Passaram-se mais alguns meses.

"Seu Nunes, eu cabei de ler. As perguntas... tem umas que eu até entendo, mas as respostas, nenhuma".

E João Nunes:

"Começa outra vez", e assim o doente foi lendo, lendo, e leu cinco vezes O Livro dos Espíritos.

Miguel já ia para o segundo ano acamado, quando desencarnou. A viúva chorou e a doutrina consolou.

Passaram-se outros meses. Era um sábado à tarde, João Nunes voltando da sopa de rua, dirigia um pouco distraído. Parado no farol viu Miguel todo arrumado, caminhando qual encarnado, sorrindo e falando para ele:

"Seu Nunes, muito obrigado!

Sou espírita! Cheguei aqui e entendi tudo.

Bendito seja o livro de Kardec. Ele e o senhor que me ajudaram a aproveitar o tempo.

Descobri, seu Nunes, que economizei, nos bancos escolares daqui, tempo e mais tempo.

Deus lhe pague e lhe proteja sempre.

Ah, "seu" Nunes, diga para Elvira, por favor, que tem um dinheiro no bolso do paletó preto, que ela guardou de lembrança. Que ela fique com o dinheiro e depois dê o paletó. Que ela se lembre de mim estudando O Livro dos Espíritos".

Buzinas tocando, sinal aberto, motoristas praguejando..., engata a primeira e parte contente para a casa de Elvira, rindo sozinho do aprendizado que julgara pudesse ser só por osmose, dada a falta total de entendimento do doente querido.

"Elvira!

Elvira!... Miguel te mandou um recado".

Ela, esbaforida, vem correndo até o portão.

"Diz que é para você pegar um dinheiro que ele guardou para uma emergência, e esqueceu de te falar. Que o dinheiro está no bolso do paletó preto, e que depois ocê pode dar o casaco – ele não vai mais precisar..."

E Elvira:

"Ah, seu Nunes!

Minha Nossa Senhora!

Eu estava para endoidar, sem saber o que vender para pagar essa dívida...

Vem cá, seu Nunes, vai entrando!...", e correu para dentro de casa, para ver com quanto podia contar...

"Seja quem for o candidato, analfabeto ou intelectual, ele deve ler primeiramente O Livro dos Espíritos, como base para sua compreensão. Se pensar que não o está entendendo, engana-se, porque nele estão todas as leis naturais que todos conhecem pela sua genealogia de vida".

Miramez

(Os nomes Elvira e Miguel são fictícios).

12 - Os Espíritos e a Alimentação Carnívora

É incrível e vergonhoso que nem os pregadores nem os moralistas jamais elevaram a sua voz contra o bárbaro costume de assassinar e comer animais – Voltaire.

Não; mil vezes não, a alimentação carnívora não é necessária. Todos os fatos demonstram que esse é o ABC da Fisiologia” – Dr. Charles Richet, Nobel em Fisiologia.

O Espiritismo é uma Doutrina que estimula o raciocínio e, assim, nos coloca a refletir sobre diversas questões na vida e uma delas, de suma importância, é a questão alimentar. Procuraremos neste artigo analisar as instruções dos Espíritos desde a obra de Allan Kardec às obras de médiuns seguros como Chico Xavier.

Como o fundamento da Doutrina Espírita é O Livro dos Espíritos, iniciaremos por este.

Na questão 723 Allan Kardec perguntou:

723. A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza?

R – “Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização”.

E continua na questão 724:

724. Será meritório abster-se o homem da alimentação animal, ou de outra qualquer por expiação?

R – “Sim, se praticar essa privação em benefício dos outros. Aos olhos de Deus, porém, só há mortificação, havendo privação *séria* e *útil*. Por isso é que qualificamos de hipócritas os que apenas aparentemente se privam de alguma coisa”.

Os Espíritos responderam a Kardec de acordo com os conhecimentos da época e não combateram de imediato a alimentação carnívora pelo homem. Nota-se, no entanto, que na questão 724 eles louvam uma privação séria e útil, palavras que estão grifadas no original. Mais adiante veremos quanto é séria e útil a questão de não se comer carne. Vejamos agora o que diz o espírito Lamennais sobre esta questão:

SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

(Sociedade de Paris, 4 de julho de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

O sacrifício da carne foi severamente condenado pelos grandes filósofos da antiguidade. O Espírito

elevado revolta-se à ideia do sangue e, sobretudo, à ideia de que o sangue é agradável à Divindade. E notai bem que aqui não se trata absolutamente de sacrifícios humanos, mas tão só de animais oferecidos em holocausto. Quando o Cristo veio anunciar a Boa Nova, não ordenou o sacrifício do sangue: ocupou-se unicamente do Espírito. Os grandes sábios da antiguidade igualmente tinham horror a essas espécies de sacrifícios e eles próprios só se alimentavam de frutos e raízes. Na Terra os encarnados têm uma missão a cumprir; têm um Espírito que deve ser nutrido pelo Espírito, e um corpo, que deve ser alimentado pela matéria; mas a natureza da matéria influi sobre a espessura do corpo e, em consequência, sobre as manifestações do Espírito, o que é facilmente compreensível. Os temperamentos fortes para viver como os anacoretas fazem bem porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece. Mas para viver assim, em geral seria necessária uma natureza mais espiritualizada que a vossa, o que é impossível com as condições terrestres. E como, antes de tudo, a Natureza jamais age com disparate, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações. Pode-se ser bom cristão e bom espírito e comer a seu gosto, contanto que seja razoável. É uma questão um tanto leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa. Lamennais – Revista

Espírita, dezembro de 1863. Ed. FEB. Tradução de Evandro Noleto Bezerra.

Em seu comunicado, Lamennais, no corpo dele, deixa claro a repugnância do Espírito elevado à ideia do sangue, fala dos grandes filósofos e sábios da antiguidade que se alimentavam de frutos e raízes e diz fazer bem quem não se alimenta de carne, pois isto favorece a meditação e a prece. Ressalta os pontos positivos de se deixar a alimentação carnívora. Dá o que pensar.

O Espírito Bernard Palissy, questionado por Kardec sobre a alimentação em Júpiter (Planeta que habita), disse: "Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui?"

R – "Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais" (Revista Espírita, abril de 1858).

Tal informação corrobora Lamennais ao dizer que "o Espírito elevado revolta-se à ideia do sangue". E nem se objete que assim é em Júpiter por já ser um plano evoluído, isto é sinal de que devemos imitá-lo.

No livro "Nosso Lar", o Espírito André Luiz, no capítulo 9, Problema de Alimentação relata:

"Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. Muitos recém-chegados ao "Nosso Lar" duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos".

No livro "Os Mensageiros", ao final do cap. 42 – Evangelho no ambiente rural, André Luiz transcreve a fala de Aniceto: "Concordamos que as criaturas inferiores têm suportado o peso das iniquidades imensas. Continuemos em auxílio delas, mas não nos percamos em vãs contendas".

São bem significativas essas duas passagens em André Luiz, pois além de estarem em acordo com o que instruem Lamennais e Bernard Palissy, nos fazem refletir mais amplamente na resposta que os Espíritos deram a Kardec na questão 86 de O Livro dos Espíritos:

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

R – "Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem".

Considerando que a Colônia espiritual "Nosso Lar" foi fundada no século XVI por portugueses (ver o capítulo 8 – Organização e Serviços), preciso é se considerar que os recém-desencarnados que para lá aportavam levavam consigo seus vícios e hábitos alimentares e a cozinha portuguesa/brasileira do século XVI usava dos seguintes animais: Capivaras, antas, tatus, pacas, cutias, porcos, veados, coelhos, tamanduás, quatis, ratos, macacos, gambás (conforme o livro Delícias do Descobrimento – A Gastronomia Brasileira no século XVI, de Sheila Moura Hue com a

colaboração de Angelo Augusto e Ronaldo Menegaz. Ed. Zahar); temos assim que a alimentação carnívora era bem cultivada, logo, em desencarnando o espírito levava consigo este hábito, além do de bebidas alcoólicas como o vinho tão apreciado pelos portugueses, depreendendo-se daí que a exigência de "mesas lautas, bebidas excitantes" dos habitantes da Colônia nesta época se referem a este tipo de alimentação, quando não permaneciam na Terra vinculados aos seus em regime de vampirização no quesito alimentar. Mundo espiritual e material "um sobre o outro incessantemente reagem".

Em "Missionários da Luz", o Instrutor Alexandre esclarece:

"(...) e nós outros, quando nas esferas da carne? Nossas mesas não se mantinham à custa das vísceras dos touros e das aves? A pretexto de buscar recursos proteicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos os ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem a Obra do Pai, dilatávamos os requintes da exploração milenária e infligíamos a muitos deles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com a máxima eficiência.

O suíno comum era localizado por nós, em regime de ceva, e o pobre animal, muita vez à custa de resíduos, devia criar para nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostrasse, de todo, ao peso de

banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras para que hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficaram famosos, despreocupados das faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer valores culinários. Em nada nos doía o quadro comovente das vacas mães, em direção ao matadouro, para que nossas panelas transpirassem agradavelmente.

Encarecíamos, com toda a responsabilidade da ciência, a necessidade de proteínas e gorduras diversas, mas nos esquecíamos de que a nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte. Esquecíamos-nos de que o aumento de laticínios para enriquecimento da alimentação constitui elevada tarefa, porque tempos virão, para a Humanidade terrestre, em que o estábulo, como o Lar, será também sagrado.

Em todos os setores da Criação, Deus, nosso Pai, colocou os superiores e os inferiores para o trabalho de evolução, através da colaboração e do amor, da administração e da obediência. Atrever-nos-íamos a declarar, porventura, que fomos bons para os seres que nos eram inferiores? Não lhes devastávamos a vida, personificando diabólicas figuras em seus caminhos? Claro que não desejamos criar um princípio de falsa proteção aos irracionais, obrigados, como nós outros, a

cooperar com a melhor parte de suas forças e possibilidades no engrandecimento e na harmonia da vida, nem sugerimos a perigosa conservação dos elementos reconhecidamente daninhos. Todavia, devemos esclarecer que, no capítulo da indiferença para com a sorte dos animais, da qual participamos no quadro das atividades humanas, nenhum de nós poderia em sua consciência, atirar a primeira pedra. Os seres inferiores e necessitados do Planeta não nos encaram como superiores generosos e inteligentes, mas como verdugos cruéis. Confiam na tempestade furiosa que perturba as forças da Natureza, mas fogem, desesperados, à aproximação do homem de qualquer condição, excetuando-se os animais domésticos que, por confiar em nossas palavras e atitudes, aceitam o cutelo no matadouro, quase sempre com lágrimas de aflição, incapazes de discernir como raciocínio embrionário onde começa a nossa perversidade e onde termina a nossa compreensão.

Se não protegemos nem educamos aqueles que o Pai nos confiou, como germens frágeis de racionalidade nos pesados vasos do instinto; se abusamos largamente de sua incapacidade de defesa e conservação, como exigir o amparo de superiores benevolentes e sábios, cujas instruções mais simples são para nós difíceis de suportar, pela nossa lastimável condição de infratores de auxílios mútuos? Na qualidade de médico, você não pode ignorar que o embriologista, contemplando o feto

humano em seus primeiros dias, a distância do veículo carnal, não poderá afirmar, com certeza, se tem sob os olhos o gérmen de um homem ou de um cavalo. O médico legista encontra dificuldades para determinar se a mancha de sangue encontrada eventualmente provém de um homem, dum cão ou dum macaco. O animal possui igualmente o seu sistema endócrino, suas reservas de hormônios, seus processos particulares de reprodução em cada espécie e, por isso mesmo, tem sido auxiliar precioso e fiel da Ciência na descoberta dos mais eficientes serviços de cura das moléstias humanas, colaborando ativamente na defesa da Civilização. Entretanto...”

As colocações de Alexandre sobre o fato de que “esquecíamos de que a nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte. Esquecíamos-nos de que o aumento de laticínios para enriquecimento da alimentação constitui elevada tarefa, porque tempos virão, para a Humanidade terrestre, em que o estábulo, como o Lar, será também sagrado”, são de molde a nos fazer pensar a respeito de nossos hábitos alimentares. Corroborando esta fala de Alexandre, temos no livro “O Consolador”, a instrução do Benfeitor Emmanuel:

129 – É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

R – A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

Até aqui a instrução dos Espíritos e a Ciência o que nos diz?

No livro "Nutrição Orientada" do professor Durval Stockler, baseado em comprovações científicas há o seguinte:

"Quando o animal é morto, existem nele muitas toxinas em processo de expulsão do organismo, principalmente pela urina. Essas toxinas permanecem na carne e são ingeridas pelo homem. É evidente que isto não pode ser saudável. Cada quilo de carne bovina contém dois gramas de ácido úrico, o que é uma dose

bastante elevada. Quando a carne é cozida, os resíduos se apresentam em forma de caldo que, analisado, se assemelha à urina.

Cada bife de 100 gramas contém mais de um bilhão de germes, e se essa carne não for devidamente esterilizada pelo calor, grandes quantidades de micróbios ativos serão ingeridos. Nos bifes malpassados, nos churrascos sangrentos, é certo que milhões de bactérias vivas entram no organismo dos comedores de carne.

(...) A carne prepara em nós, por suas toxinas, um ambiente propício a toda sorte de enfermidade. Entre os que comem carne frequentemente, encontra-se maior número de pessoas com varizes, hemorroidas e arteriosclerose que entre os vegetarianos ou aqueles que comem menos carne e muita verdura. E o mesmo se pode dizer das doenças do fígado, dos rins, do coração e dos problemas da circulação.

Não é novidade para ninguém que a carne contribui em porcentagem elevadíssima para os enfartes do miocárdio, para os derrames, as trombozes, os distúrbios da pressão e de todos os ataques cardíacos".

No livro "Cozinha Vegetariana", de Mahavidya Laksmi devi dasi (Maris Santos), nos traz as seguintes informações:

"O consumo de carne é um fator importante no desenvolvimento de doenças cardiovasculares, uma das principais causas de morte das cidades industrializadas.

A grande parte dos estudos que comparam as nutrições vegetariana e onívora demonstram que, com a eliminação da carne, especialmente a vermelha, o risco de doença e morte por problemas cardiovasculares é reduzido significativamente.

Num dos maiores estudos epidemiológicos (estudos relacionados com a ciência da saúde coletiva) realizados sobre o tema, pela universidade de Oxford, conclui-se que percentagem de morte por problemas cardiovasculares é aproximadamente 25% menor nos vegetarianos em comparação com os não-vegetarianos, e que a probabilidade da ocorrência do mesmo foro é cerca de 30% menor nos vegetarianos.

Assim, a mudança para uma dieta vegetariana pode causar um impacto muito importante na sua saúde.

Fonte: Cristian Megyes, bioquímico, farmacêutico e investigador independente de nutrição; membro da União Vegetariana Argentina.

E mais:

“Para viver, uma vaca necessita de 1 hectare de terra; em dois anos, o animal alcança o peso adequado para abate, aproximadamente uns 400 kg, dos quais se destinam à alimentação somente 290 kg. Ou seja, em 2 anos um hectare produz 290 kg de “alimento”. Se a mesma área fosse utilizada para o cultivo de grãos e cereais, utilizando um sistema de cultivo biológico, produziria, por exemplo, 6.000 kg de soja, já que o rendimento deste grão por hectare é de 3.000 kg. Se o

cultivo fosse de trigo, o mesmo hectare produziria 7.000 kg. Se o cultivo fosse de milho, a produção seria de 12.000kg.

13 Pequeno Estudo Sobre Técnica da Obsessão

O estudo das propriedades do perísprito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege – fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis

naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade. (KARDEC, 1996.).

Antes de entrarmos em nosso pequeno estudo sobre técnica da obsessão, falaremos um pouco sobre o perispírito, já que este, como coloca Kardec, é a chave deste fenômeno como de vários outros.

O perispírito, corpo desconhecido de muitos que se afiliam ao Espiritismo, em sua essência, é um corpo semimaterial, isso aos nossos olhos, pois se recorrermos à questão 22 de O Livro dos Espíritos, os Benfeitores da Humanidade esclarecem que há matéria em estado que desconhecemos. Com os estudos da Física Teórica e da Física Quântica, desenvolvendo a Teoria da Relatividade Geral de Einstein onde $E=m.v^2$, energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado, nos traz o conceito renovador de matéria, em que esta passa a ser energia condensada ou, como coloca André Luiz em "E a

Vida Continua...”: “Matéria é luz coagulada”, então, em assim sendo, nos fica fácil compreender que nas dimensões próximas à esfera física, o perispírito (corpo que reveste o Espírito) possui órgãos e se mantêm certas necessidades próprias do que conhecemos por fisiologia humana, como a alimentação, por exemplo, e até necessidade de cirurgias, conforme nos relata Yvonne Pereira:

“No dia da operação realizada em meu perispírito (foi à noite, pela madrugada, ocasião em que o ambiente terreno apresenta menores dificuldades para a ação dos trabalhadores espirituais), aquela mesma entidade espiritual mostrou-me certo detalhe do mesmo, à altura do coração, e disse, podendo eu, dessa vez, reter as palavras:

– Vê! São fibras luminosas, impressionáveis e delicadas ao inconcebível pelo teu pensamento... e por isso algumas foram rompidas pela intensidade da dor moral que te atingiu... advindo, então, o estado de depressão nervosa, incompatível com o sistema de vibrações necessárias à existência. Em tais condições o perispírito não suportará o contato carnal...

– São, verdadeiramente, órgãos? – pois se referiam ao conjunto do perispírito.

– Órgãos, propriamente, como os do corpo físico humano não são nem poderiam ser. Não possuindo vocábulos para nos fazermos compreender melhor, convenhamos em chamar-lhes órgãos. São, porém, a

forma semimaterial ideal dos mesmos órgãos humanos, como que baterias, acumuladores de vida intensa, poderosas e sensíveis ao mais alto grau que poderéis compreender, formas-sede de energias vibratórias incalculavelmente ricas. Essa vida, aí existente, é constituída pelas várias modificações do magnetismo ultrassensível e da eletricidade, cujos poderes totais o homem ainda não pôde abranger, ao passo que o conjunto é protegido pela camada vibratória da matéria mais rarefeita existente no planeta, a qual tudo reveste, modelando a figura humana ideal. Cada uma de tais baterias, ou órgãos, armazena uma força eletromagnética de grau ou sensibilidade diferente, ativando funções do corpo humano: umas dão vida e energia ao cérebro, polo de maior importância em ambos os aparelhos, perispírito e físico terreno; outras ao coração; mais outras à circulação do sangue; outras mais às funções gástricas, hepáticas, genitais etc., etc., enquanto que tudo será como que observado, dirigido ou fiscalizado pelo sistema nervoso, cuja sede, como sabeis, é este mesmo corpo. E assim sendo, as mesmas "baterias" trarão como que o desenho dos órgãos que deverão acionar no corpo humano...

Recordações da Mediunidade. (MENEZES, 1989).

Após essas breves considerações sobre o perispírito, entremos em nosso estudo.

Nos casos de obsessão, o laço mental que atrai o espírito ao obsidiado é também fortalecido diante da densidade do perispírito do obsidiado, esta densidade reflete a frequência vibratória em que se encontra o encarnado, isso leva à sintonia vibratória e, logo, ao conúbio entre as mentes.

Diz-nos o Espírito Inácio Ferreira:

Todos estamos ligados uns aos outros por ondas luminosas que, pela atuação magnética, promoverá antipatias e simpatias e escolhas para realizações próprias neste ou naquele setor da atividade humana. O pensamento, sendo uma força que se propaga pelo éter universal, é o laço que nos prende às nossas realizações, pois que, através dele, havemos de nos imantar a objetivos que se conjugam em harmonia com o desejo de outras mentes, sejam elas encarnadas ou desencarnadas. (SEMENTES, 2013).

Vejamos também o que nos traz o Espírito Bezerra de Menezes:

“(…) E até obsessões sexuais, quando o atuante invisível, que tanto poderá ser um Espírito denominado “masculino” como um denominado “feminino”, dominar

um homem como uma mulher – valendo-se das tendências dos caracteres inclinados aos arrastamentos primitivos, às complexidades do sexo – induzi-la-á a quedas deploráveis perante si mesma, o próximo e a sociedade, tais como o adultério, a prostituição, a desonra irreparável, pelo simples prazer de, através das vibrações materializadas da sua presa, que lhe concede clima vibratório propício, dar livre curso a apetites inferiores dos quais abusou no estado humano e os quais, degradantemente, conserva como desencarnado, em vista da inferioridade de princípios que gostosamente retém consigo, o que lhe estimula a mente, inibindo-a do desejo de progresso e iluminação espiritual. *Geralmente exercida tão só através da telepatia ou da sugestão mental*, é bem certo que o obsessor estabelece uma oculta infiltração vibratória perniciosa, sobre o sistema nervoso do obsidiado, *contaminando-lhe a mente, o perispírito, os pensamentos, até ao completo domínio das ações*. Tais casos se apresentam dificilmente curáveis, não somente por aprazerem as vítimas conservá-los, como por ser ignorada de todos essa mesma infiltração estranha e, mais particularmente, porque o tratamento seria antes moral, com a reeducação mental do enfermo através de princípios elevados, que lhe faltaram, não raro, desde a infância”.

E adverte:

Refutará o leitor, lembrando que, assim sendo, ninguém terá responsabilidades nos erros que sob tais influências cometer.

Acrescentaremos que a responsabilidade permanecerá também com o próprio obsidiado, visto que não só não houve a verdadeira alteração mental como também nenhum homem ou mulher será jamais influenciado ou obsidiado por entidades dessa categoria, se a estas não oferecer campo mental propício à penetração do mal, pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades”.

(PEREIRA, Yvonne. Dramas da Obsessão. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 4. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010. P. 28-29 – grifos nossos).

Desses esclarecimentos do Espírito Bezerra de Menezes depreende-se o seguinte:

- 1 – A contaminação se dá pela impressão de ideias fixas na mente do obsidiado através de imagens mentais;
- 2 – Pelo perispírito: mantendo o do encarnado em seu mesmo padrão vibratório, para isso, incentivando os *pensamentos* licenciosos que derivam das imagens mentais, atuando especialmente através do sono, quando o encarnado, desprendido do corpo físico, é atraído para regiões onde dará vazão aos seus apetites sensuais e, em geral, também lhe são impressas palavras a título de senha que, quando acordado, ao ouvi-las ou captar as imagens (pode ser o nome de

alguém ou a imagem de uma pessoa ou um objeto) lhe aflorarão os desejos...

O que aqui colocamos pode explicar atos impensados como os que ocorrem com pessoas diagnosticadas com Transtorno Bipolar (), como gastos excessivos; comportamento sexual promíscuo onde depois vem o sentimento de culpa; envolvimento em projetos onde todos percebem a sua inviabilidade e, depois, a triste consequência da perda de bens etc., assim como estados de depressão. Falando sobre a pressão psíquica do obsessivo que deseja levar o obsidiado ao suicídio diz Bezerra de Menezes:

"(...) eles veem junto a si antes de efetivado o ato, com impressionante segurança, tais se materializados fossem diante de seus olhos corporais, os quadros mentais que o obsessivo fornece através da telepatia ou da sugestão: um receptáculo de veneno ou substância corrosiva; um revólver engatilhado, que misteriosa mão sustém, oferecendo-lhe; uma queda de grande altura, onde eles próprios se veem despenhando; um veículo em movimento, sob o qual se deverá arrojarem etc. Sofrem assim, por vezes, durante meses consecutivos, sem ânimo para confidenciarem com amigos, uma agonia moral extenuante e arrasadora, uma angústia deprimente e inconsolável que lhes agravam os males que já os infelicitavam, angústia que nenhum vocábulo humano será eficiente para bem traduzir. Notemos, todavia, que tratamos tão somente da

obsessão simples, ou seja, da que se não revela ostensivamente, objetivando alteração das faculdades mentais, mas que, sutilmente, ocultamente, através de sugestões lentas, sistemáticas, solapa as forças morais da vítima, tornando-a, por assim dizer, incapaz de reações salvadoras” (Idem, ibidem. p. 34).

Como se vê, a *obsessão simples* é mais complexa do que parece, conforme já o indicamos em outro artigo (2), por isso, a importância de que os Centros ou Grupos Espíritas voltem a atenção para o processo desobsessivo, advertindo o obsidiado da necessidade de trabalhar pela própria melhoria, “o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor sem recorrer a terceiros” (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVIII, item 81 e A Gênese, cap. XIV, item 46).

“Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio desta ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor*.

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade

moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela” (Idem, ibidem).

Aproveitamos para alertar sobre o trabalho de desobsessão nos agrupamentos espíritas, por ser trabalho tão necessário ao reajustamento tanto de obsessores quanto de obsidiados e se tomar cuidados com a fantasia que Espíritos zombeteiros têm promovido nesta ou naquela Casa Espírita de que sua “missão” é socorrer os “dragões, falcões, licantropos e demais zooantropias”, sabemos que pela plasticidade do perísprito, os Espíritos podem tomar diversas formas, que se pode atender a Espíritos zoantropizados, no entanto, é preciso se ter em mente que, independente de como se expresse o Espírito em sua roupagem, ele foi um homem ou uma mulher e como tal deve ser tratado. Fazemos esta observação para que se atente até que ponto o lidar constantemente com tais casos não é o estar sendo distraído para o não executar do real objetivo de uma reunião mediúnica de desobsessão que é o lograr a recuperação de um encarnado e um desencarnado.

Vigiem e oremos, pois a transformação moral e os esforços para domar nossas más tendências (3) e a elevação mental pela prece são os melhores recursos para a desobsessão, por elevar a frequência vibratória, sintonizando, assim, o ser com os Bons Espíritos.

Campos dos Goytacazes, RJ

11/05/2015

Notas:

(1) O Transtorno Bipolar (TB) é caracterizado por alterações de humor que se manifestam como episódios depressivos alternando-se com episódios de euforia (também denominados de mania), em diversos graus de intensidade. É uma condição médica frequente. O TB tipo I, que se caracteriza pela presença de episódios de depressão e de mania, ocorre em cerca de 1% da população geral. Considerando-se os quadros mais brandos do que hoje se denomina “espectro bipolar”, como o Transtorno Bipolar tipo II (caracterizado pela alternância de depressão e episódios mais leves de euforia – hipomania), a prevalência pode chegar a até 8% da população. Assim, estima-se que cerca de 1,8 a 15 milhões de brasileiros sejam portadores do TB, nas suas diferentes formas de apresentação. (Do site da Associação Brasileira de Transtorno Bipolar <http://www.abtb.org.br/transtorno.php> – acesso em 12/05/2015).

(2) <http://orebatejorgehessen.blogspot.com.br/2014/05/desaparecimento-das-reunioes-de.html>

(3) O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XVII, item 4.

14 Reencarnação

Falar de imortalidade é falar do estado da alma na vida futura, clara está a máxima: “a cada um segundo as suas obras” (Epístola de Paulo aos Romanos, 2:6). O estado do Espírito após a morte física não é definitivo e a melhoria deste cabe ao espírito realizar, certo é que ele pode já no plano espiritual evoluir (1), mas ensinam os espíritos que a reencarnação tem por objetivo o “melhoramento progressivo da humanidade” (O Livro dos Espíritos – questão 607). Desse modo, temos uma justiça imparcial, todos os espíritos têm a oportunidade do aperfeiçoamento, entretanto, há os que querem manter-nos “na ignorância em que eles próprios se encontram” (O Livro dos Espíritos – questão 166-b), para tanto buscam recursos na bíblia e nos Pais da Igreja, vamos analisar seus questionamentos.

A objeção que os estudiosos fazem a nós espíritas no tocante à reencarnação é quanto ao fato da interpretação de passagens bíblicas alegando que desconhecemos a hermenêutica – arte e técnica da interpretação –, claro está que nem todos os estudiosos espíritas têm sólida formação teológica ou de história da religião, mas é preciso afirmar que aqueles espíritas que se dedicam a tais estudos o fazem através de obras sérias e são honestos em suas análises, como há os que

têm formação muito consolidada nas pesquisas dos antigos manuscritos, exemplo é o Sr. Severino Celestino da Silva que escreveu o belo livro *Analisando as Traduções Bíblicas*; o excelente estudo *A Sabedoria do Evangelho* (8 volumes), de Carlos Torres Pastorino e as traduções do Novo Testamento por Haroldo Dutra Dias, todos eles com formação acadêmica.

Em relação à imortalidade da alma, alegam os teólogos e os estudiosos do Antigo Testamento e das culturas semíticas que os espíritas desconsideram o contexto histórico, cultural e o grau de desenvolvimento das ideias (2), tal afirmação provém da falta de um estudo aprofundado do que diz o Espiritismo a tal respeito. Sabe-se – e isto é ponto comum entre os historiadores – que os antigos judeus não admitiam uma retribuição póstuma, todos fossem justos ou injustos, após a morte estariam no sheol e se achariam num estado de inconsciência. Daí a concepção de que a Justiça Divina haveria de ocorrer no tempo da vida presente, os fiéis teriam vida longa, saúde, riqueza..., os infiéis e pecadores iriam sofrer com doenças, miséria, morte prematura... (cf. Jó 14: 21s; 21: 21; Is 14: 10; 38: 18; Sl 6: 6; 29: 10). Somente por volta do século II a.C. as concepções antropológicas dos judeus começaram a se modificar; influenciados pela cultura helênica, os judeus passaram a vislumbrar uma sorte póstuma diferente para bons e maus no dia da ressurreição (cf. Dn 12: 2s) (3). À luz do estudo da concepção

antropológica dos judeus entende-se que a ideia de justiça para os fariseus era a abastança material.

Allan Kardec no capítulo IV de O Evangelho Segundo o Espiritismo – item 4, fazendo um estudo sobre ressurreição e reencarnação, diz claramente sobre as ideias dos judeus a respeito da imortalidade:

(...) as ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se (...).

Vê-se, portanto, que não desconsideram os espíritas o contexto histórico, cultural e o grau de desenvolvimento das ideias.

Muitos afirmam que a reencarnação não fazia parte da crença dos judeus, mas há um comentário honesto sobre uma passagem do Evangelho (Lc 9:7-9), feita por um grupo de colaboradores para a Bíblia de Estudos Aplicação Pessoal (4) em que dizem textualmente: "Muitos pensavam que Jesus era a reencarnação de algum profeta", é claro que após os teólogos vão negar a reencarnação e falar de Jesus como a segunda pessoa da Trindade, com uma natureza humana e divina, buscando fazer crer que Deus teria se encerrado num corpo humano. O comentário a tal trecho do Evangelho de Lucas vem confirmar a exatidão das palavras de Kardec ao afirmar que "a reencarnação fazia

parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap. IV – item 4).

A reencarnação aparece na Bíblia muito antes de Jesus declarar que João Batista era Elias (Mateus 17:10-13; Marcos 9:11-13). Já o Decálogo expressa tal Lei. Lemos em Êxodo 20: 5: “Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos na terceira e na quarta gerações daqueles que me aborrecem”. O mesmo texto se repete em Deuteronômio 5: 9. As traduções da Bíblia que temos hoje, católica e protestante, trazem “até à terceira e quarta gerações”, o que muda o sentido do texto. São Jerônimo, doutor da Igreja, ao traduzir a Bíblia para o latim, tradução conhecida como Vulgata Latina escreve: “in tertiam et quartam generationem”, o doutor Zamenhof, criador da língua universal, o Esperanto, traduz: “en la tria kaj kvara generacoj”. Para mais pormenores consulte-se a nota da FEB à sua edição de O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo I – item 2 (5).

Ao expressar “na terceira e na quarta gerações”, não se coloca o inocente pagando pelo culpado, pois que este, se não pode reencarnar na primeira e na segunda geração (conforme se depreende do texto bíblico), na terceira e na quarta gerações já é possível a sua volta, ao passo que expressar “até à terceira e quarta gerações” os filhos pagam pelos erros de seus pais.

Resta-nos perguntar: qual doutrina é justa: a da unicidade da existência ou a da pluralidade das existências?

Para afirmar a unicidade da existência e o dogma da ressurreição, os biblistas recorrem aos Pais da Igreja, um retroceder na História mostra o equívoco de alguns Pais da Igreja quanto à sua compreensão da crença na reencarnação. Observemos as palavras de alguns Pais da Igreja:

Portanto, [os gnósticos] consideram necessário que, por meio da transmigração de corpo para corpo, as almas experimentem todo tipo de vida... Podemos subverter a doutrina [gnóstica] da transmigração de corpo para este fato: as almas nada lembram de eventos ocorridos em seus [supostos] estados anteriores de existência... Platão, o antigo ateniense, foi o primeiro a introduzir essa opinião (Contra as Heresias, Irineu de Lião (+ c.200)).

Quão mais digno de aceitação é o nosso ensino de que as almas irão retornar aos mesmos corpos. E quão mais ridículo é o ensino herdado [pagão] de que o espírito humano deve reaparecer em um cão, cavalo ou pavão! (Ad Nationes, cap. 19, Tertuliano (+220)).

Neste lugar, não me parece que através do nome de 'Elias' se esteja fazendo referência à alma. De outro modo, eu iria cair na doutrina da transmigração, que é estranha à igreja de Deus. Ela não foi transmitida pelos apóstolos, nem é apresentada em qualquer lugar das

Escrituras (Comentários de Mateus, Livro XIII, Orígenes (+ 254)).

Pitágoras insiste que as almas migram de corpos desgastados pela velhice e pela morte. Ele diz que elas são admitidas em corpos novos e recém-nascidos. Ele também diz que as mesmas almas são reproduzidas, ora em um homem, ora em uma mulher, ora em um animal selvagem, ora em um pássaro... Essa opinião de um homem insensato é ridícula. É mais digna de um ator de teatro que de uma escola de filosofia (As Institutas Divinas, Lactâncio (+ 320)) (6).

Tais posições dos Pais da Igreja não são um desmentido à reencarnação, vê-se que confundem metempsicose, transmigração e reencarnação, fala-se de Pitágoras, Platão e os gnósticos, mas o Espiritismo não ensina a reencarnação tal como os antigos a divulgavam, “entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente” (O Livro dos Espíritos – cap. V – Considerações sobre a pluralidade das existências). A objeção de Irineu de Lião quanto ao esquecimento do passado não resiste a um exame mais profundo, Allan Kardec faz o seguinte questionamento aos Espíritos:

Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode

aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu? Concebe-se que as tribulações da existência lhe servissem de lição, se se recordasse do que as tenha podido ocasionar. Desde que, porém, disso não se recorda, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recomeçar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

Recebe a seguinte resposta:

“Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa a seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcorrer. Escolhe provas análogas às de que não soube aproveitar, ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empresa que sobre si toma, ciente de que o Espírito, que lhe for dado por guia nessa outra existência, se esforçará pelo levar a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das em que incorreu. Tendes essa intuição no pensamento, no desejo criminoso que frequentemente vos assalta e a que instintivamente resistis, atribuindo as mais das vezes, essa resistência aos princípios que recebestes de

vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, vos adverte para não recairdes nas faltas de que já vos fizestes culpados. Em uma nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles” (O Livro dos Espíritos – Questão 393) (7).

Transcrevemos toda a questão e a respectiva resposta pela riqueza de detalhes nelas contido, não podemos esquecer, todavia, que hoje a Terapia de Vidas Passadas (8) é um avanço da ciência no conhecimento profundo da personalidade humana e uma prova experimental da reencarnação e conseqüentemente da pré-existência e imortalidade da alma. O doutor Brian Weiss, autor do livro *Muitas Vidas, Muitos Mestres*, terá contato com a reencarnação após uma paciente numa sessão de regressão fazer uma “viagem no tempo”. Desde então, o doutor Brian Weiss, despido do preconceito da Academia, tem escrito livros (é bom ressaltar: não espíritas, mas válidos enquanto pesquisa) e proferido palestras sobre o assunto. Ian Stevenson, Hamendras Net Barnerjee, Erlendur Haraldson e Hernani Guimarães Andrade são alguns nomes da pesquisa sobre o fenômeno da reencarnação (9).

Voltando às palavras dos Pais da Igreja, o fato de Orígenes não aceitar a transmigração da alma, que não é o mesmo que a doutrina da reencarnação, como deixamos claro acima, não invalida as palavras do

Evangelho: "Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista" (Mateus, 17:13). Malaquias é muito claro quando expressa a sua profecia sobre o precursor do Messias: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, ante que venha o dia grande e terrível do Senhor" (Ml 4:5). Ele não diz que virá um profeta como Elias, ele fala "o profeta Elias", como Elias poderia ser enviado se ele havia sido arrebatado ao céu (2 Reis 2:11)? É claro que o profeta Elias não subiu ao céu em corpo e alma, como o quer a tradição cristã, a razão repudia tal coisa. No entanto, é muito lógico e conforme a razão o ver nas respectivas passagens bíblicas o prenúncio e a confirmação da volta de Elias, mas Elias volta em outro corpo, mesmo porque Malaquias fez a predição por volta do ano 430 a.C.. Elias havia desencarnado por volta de 848 a.C., portanto, se Elias continuasse vivo ele retornaria em seu próprio corpo e teria mais de 400 anos, o que é uma impossibilidade biológica, "se (...) João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos, João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado" (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IV – item 4).

A Bíblia ao expor a reencarnação e a imortalidade, expõe também a pré-existência da alma, doutrina defendida por Orígenes e que tem por consequência lógica a doutrina das vidas sucessivas, tanto assim é que, a partir de Orígenes, uma corrente de monges

passou a professar a reencarnação. O interesse humano levou a doutrina das vidas sucessivas à condenação:

O grande pensador Orígenes (+254), de Alexandria defendeu a pré-existência da alma, mas não a transmigração. A partir dele, surgiu uma corrente de monges que passaram a professar também a reencarnação e a salvação universal. Como o chamado "origenismo" se tornava fanático e tumultuava a Palestina, o patriarca de Jerusalém, no século 6, pediu ao Imperador Justiniano (483-565) que intervisse. Justiniano, o maior dos imperadores bizantinos, escreveu um tratado contra Orígenes e levou o patriarca de Constantinopla a reunir um sínodo local em 543, que condenou teses relativas à pré-existência da alma e outras posições origenistas. Dez anos depois, em 553, o II Concílio de Constantinopla encerrou definitivamente a chamada "controvérsia origenista" (Revista Ultimato. Ano XXXIV-n.270 – Maio/Junho 2001. Matéria de capa: Reencarnação e Espiritismo. p. 52).

É a seguinte a opinião de um sacerdote católico sobre tal sínodo (10):

– O que realmente aconteceu – (...) segundo Robertson e Hefele, foi que um sínodo local condenou os ensinamentos de Orígenes acerca da pré-existência em 543, na cidade de Constantinopla, mas isto não é, naturalmente, uma decisão a ser acatada pela Igreja Universal (APUD: MIRANDA, Hermínio C. IN: A Reencarnação na Bíblia. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995. p. 96).

O Concílio de Constantinopla (553) rejeitou o conceito de vidas sucessivas, por votação, na qual a

reencarnação perdeu por 3 a 2 (Ibid). Uma votação não representa a inverdade de uma doutrina, é preciso para isso, que se tenha argumentos irrefutáveis, sem o que é ter a pretensão da infalibilidade (11). A reencarnação veio a ser rejeitada novamente muito mais tarde pelos Concílios de Lião (1274) e Florença (1439), como do recente Concílio Vaticano II (1965, *Lumen Gentium*, 48), rejeitam apenas, sem que haja uma crítica apurada.

Há uma objeção que é repetida com frequência pelos biblistas que negam a reencarnação, é o texto do capítulo 9, versículo 27 da Epístola aos Hebreus: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso o juízo". Há que se observar em relação à Epístola aos Hebreus, algo digno de nota: não se sabe quem é seu autor e, ainda no século IV havia discussões se ela deveria figurar entre os livros canonizados. Há divergências entre os estudiosos sobre a autoria desta Epístola, os vários nomes sugeridos são o de Lucas, Apolo, Barnabé, Priscila, o diácono Filipe, Clemente Romano etc., seus destinatários também são desconhecidos, segundo uns seriam os judeu-cristãos, para outros sacerdotes judeus convertidos ao cristianismo, ou os fiéis de Roma (12). O de que não se tem dúvida é de que seu autor era versado em grego, "seu grego é o mais elegante (e até o mais sofisticado) do Novo Testamento, seguido das duas obras de Lucas: o Evangelho e os Atos dos Apóstolos (RAVASI, 1999) (13). O autor revela uma atração pela liturgia judaica,

com seus ritos, sacrifícios e o sacrifício de Cristo na cruz (cf. Hb 9: 24-26), apesar de se servir somente da versão alexandrina (14) da Bíblia, e basear sua argumentação em faltas dos copistas gregos” (Hb 10:5) (15).

Em relação à data de sua composição, Ernesto Renan e teólogos contemporâneos, assinalam que poderia ser o ano 66, o que é provável é que deve ter sido escrita antes da destruição do Templo de Jerusalém, o autor se refere aos sacrifícios e cerimônias no Templo, mas não fala em nenhum momento da destruição deste. RAVASI (1999), diz não ser “possível definir uma data, a não ser o ano 95, limite que não pode ser ultrapassado, porque naquele ano Clemente Romano escreve sua Carta aos Coríntios, na qual parece fazer alusão a trechos do nosso escrito”. Ficamos com a opinião de Renan e dos teólogos por se nos afigurar mais plausível.

A Epístola aos Hebreus só veio fazer parte do cânone da Igreja no quarto século. No ano 313, o Imperador Constantino, na busca da unificação política (16), mandou que se copiasse 50 bíblias para uso das Igrejas, dentre as epístolas que foram disputadas pelos teólogos estavam a de Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e o Apocalipse, esses livros constaram das cópias que Constantino mandou fazer. Em 363, o Concílio de Laodiceia decretou que só os livros canonizados do Antigo e Novo Testamentos fossem lidos na Igreja, neste Concílio só o Apocalipse ainda não era considerado canônico, mas foi só em 367 que os 27

livros do Novo Testamento foram reconhecidos oficialmente, quando Atanásio usou o termo "canônico" referindo-se aos livros citados. O Cristianismo neste tempo já estava desfigurado, as discussões teológicas eram mais importantes que a moral evangélica, gnósticos e cristãos disputavam a supremacia:

(...) Os Gnósticos, que enfrentaram o avanço dos cristãos, apoiados pelo Imperador Constantino, de Roma, diziam-se herdeiros de uma revelação antiga, que se conservara na sucessão dos mandatos. Pretendiam a universalidade, como os cristãos, mas não dispuseram de um apoio político e militar suficiente, sendo condenados como hereges. Os cristãos realizaram sua institucionalização sob a proteção romana toda poderosa. Tinham o mandato de César, mas faltava-lhes o de Deus. Todas as seitas cristãs que discordavam da posição dos protegidos de Roma eram declaradas hereges e muitas vezes exterminadas. A mesma aliança anteriormente efetuada entre romanos e judeus, em Jerusalém, efetuava-se então entre romanos e cristãos, com propósito mais vasto, que era o domínio do mundo. Por mais desejemos dourar essa situação, alegando a necessidade de expansão do Cristianismo para salvação da Humanidade, a verdade dos fatos históricos nos mostra que o objetivo principal, e que realmente se realizou, pelo menos em parte, era o domínio político e militar dos povos sob o prestígio da igreja cristã apoiada pelo Império (PIRES, 1996).

Diante dos fatos expostos, como fica a "autoridade das Escrituras", quando o seu reconhecimento se deu num meio de embate de ideias e derramamento de sangue? Tal estado de coisa levou a que as Escrituras tenham contradições em seus ensinamentos, como é o caso da passagem da Epístola aos Hebreus (9: 27) a que nos referimos e o ensino de Jesus no Evangelho de João 3:3: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus" (17). A reencarnação é a doutrina que se desprende das palavras de Jesus e de passagens bíblico-evangélicas (cf. Gn 15:15-16; Ex 20:5; Dt 5:9; Ez 37:9-14; Is 48:8; Mt 17:10-13; Mc 9:11-13), e é a que mais satisfaz a razão em relação ao conceito de Justiça Divina.

NOTAS

1 – Ver O Livro dos Espíritos, questão 86 e o complemento nas obras de André Luiz.

2 – Revista Ultimato – Ano XXXIV – n. 270 – Maio/Junho 2001. Matéria de Capa: Reencarnação e Espiritismo. p. 32.

3 – SEGUNDO, Juan Luiz. O Inferno como Absoluto Menos: Um Diálogo com Karl Rahner. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 21-27 (Coleção Teologia Atual).

4 – Os comentários e notas da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal são de responsabilidade de teólogos de renomadas instituições de pesquisa e estudo dos E.U.A.

5 – A tradução de Ferreira de Almeida (protestante) pode até dar a entender que haja uma só existência (cf. Êx 20:

5), mas ele achou melhor traduzir o termo grego *anóthen* em João 3:3 por “de novo”, do que por “do alto” como o querem os tradutores da Bíblia de Jerusalém (6. ed. 1979), colocando em nota de rodapé que “do alto” é melhor que “de novo”, sem maiores esclarecimentos. Almeida ao traduzir como “de novo”, torna o texto inteligível e de acordo com a pergunta de Nicodemos ao Mestre: “Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?” (João 3: 4).

6 – Revista *Ultimato*, *idem*, p. 52-53. Para ver opiniões dos Pais da Igreja favoráveis à reencarnação veja-se o livro *Depois da Morte*, de Léon Denis – O Cristianismo.

7 – É de bom alvitre, para maiores esclarecimentos, que se leia todas as perguntas de O Livro dos Espíritos sobre o Esquecimento do Passado – Parte Segunda – Cap. VII – Perguntas 392-399, bem como o n. 11 do cap. V de O Evangelho segundo o Espiritismo.

8 – Sobre a Terapia de Vidas Passadas e sua relação com a Casa Espírita, recorramos à palavra do tribuno Divaldo Pereira Franco:

“Reconhecemos a excelência de todas elas, e particularmente a Terapia de Vidas Passadas, que devem ser exercidas criteriosamente, por pessoas credenciadas, médicos, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, que além de terem o seu estudo acadêmico, hajam no caso da Terapia de Vidas Passadas, feito cursos de especialização. Isto porque, ninguém deve penetrar no inconsciente do indivíduo de maneira leviana, nem tentar restaurar

recordações sem estar equipado para poder canalizá-los corretamente.

A função da Casa Espírita não é cuidar de terapias de vidas passadas, de cromoterapias (grifei), - disso ou daquilo – são terapias dignas, mas que devem ser aplicadas nos lugares correspondentes” (FRANCO, Divaldo. Mediunidade: Encontro com Divaldo. 4. ed. São Paulo: Mundo Maior, 2004. p. 41-42).

9 – Reencarnação e Ciência – O também orador e médium espírita Dr. José Raul Teixeira (Físico e Doutor em Educação), deixa-nos a sua palavra clara referente ao tema:

“Lamentavelmente, a academia, enquanto instituição produtora de conhecimento, ainda não se voltou para a questão reencarnatória. Tal coisa, contudo, não nos deve causar estranheza, dada a sua coerência. Se a nossa ciência formal, pela voz dos seus representantes, ainda não admite a existência do ser espiritual, como entidade independente da matéria, com seus atributos e tudo o mais, não poderia aceitar a reencarnação, que se calca, exatamente, na realidade do espírito e todas as consequências daí decorrentes.

Entretanto, temos encontrado um sem-número de trabalhos, de livros, de investigações em torno da questão reencarnatória, provenientes de cientistas, de filósofos vários que, não obstante a grandiosidade de seus nomes e a importância de seus vereditos, ainda pregam, individualmente, sem qualquer aval acadêmico, impossibilitando-nos falar em nome da ciência, embora possamos afirmar que são pesquisas e trabalhos científicos

porque partidos de metodologia científica estabelecida por esse ou aquele cientista. Essa dificuldade de aceitação da reencarnação por parte da ciência oficial não diminuiu a importância desse ponto fundamental do Espiritismo, no campo das reflexões filosóficas, pois, sem ele, não teríamos como compreender a justiça e o amor de Deus para com sua criatura” (TEIXEIRA, José Raul. Ante o Vigor do Espiritismo. Niterói, RJ: Fráter, 1998. p. 121 – Questão 70).

10 – Sínodo – Assembleia regular de párocos convocada pelo bispo geral.

11 – Infalibilidade – a desfiguração do Cristianismo levou a que o Concílio Vaticano I adotasse a infalibilidade papal por dogma, eis a fórmula adotada pelo Concílio e sancionada pelo Papa Pio IX, em 18 de julho de 1870:

Nós, com aprovação do Sacro Concílio, ensinamos e definimos ser dogma revelado por Deus que o Pontífice Romano, quando fala ex-cathedra, isto é, quando em sua função de Pastor e Mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina resguardante da Fé e dos costumes deve ser abraçada por toda a Igreja, graças à assistência divina que lhe foi prometida na pessoa de São Pedro, goze aquela infalibilidade da qual o Divino Redentor quer que seja dotada a Igreja todas as vezes em que deva ser definida uma doutrina concernente à Fé e aos costumes, pelo que tais definições do Pontífice Romano, por si mesmas, e não por consenso da Igreja, são irreformáveis (APUD: BARBOSA, Rui. O Papa e o Concílio. 2. Ed. Londrina, PR: Leopoldo Machado, 2002 (vol. 1). p. 09).

Tal fórmula deixa clara a intenção de domínio da Igreja, retirando do homem a sua liberdade máxima que é a de pensar, o progresso, entretanto, se faz na própria Igreja correntes outras vão surgindo, como é o caso da Teologia da Libertação e os próprios fiéis já questionam o credo quia absurdum (creio, mesmo que absurdo) que lhes tolhe a capacidade de raciocínio.

12 – Destinatários da Epístola aos Hebreus – Renan defende a Igreja de Roma como destinatária:

A determinação da Igreja destinatária pode fazer-se com bastante verossimilhança. As circunstâncias que enumeramos põem-nos em situação de só escolhermos entre a Igreja de Roma e a de Jerusalém. O título ΓΙΑ ΤΟΥΣ ΕΒΡΑΙΟΥΣ (Aos Hebreus) faz pensar a princípio na Igreja de Jerusalém. Mas é impossível demorarmo-nos numa tal ideia. Passagens como 5:1-14; 6:11-12, e mesmo 6:10, não formam sentido se se supõem dirigidas por um discípulo dos apóstolos a esta Igreja mãe, fonte de todo o ensino. O que se diz de Timóteo (Hb 13:23) não se compreende também; pessoas tão ligadas como o autor e como Timóteo ao partido de Paulo não teriam podido dirigir à Igreja de Jerusalém uma frase que dá a entender a existência de relações íntimas. Como admitir, por exemplo, que o autor, com esta exegese unicamente fundada sobre a versão alexandrina, esta incompleta ciência judaica, este imperfeito conhecimento das coisas do templo, tivesse ousado dar uma tão grande lição aos mestres por excelência, a pessoas falando hebreu ou pouco menos, vivendo todos os dias à volta do templo, e que sabiam muito melhor do que ele tudo o que lhes dizia respeito?

Como admitir sobretudo que ele as tratasse como catecúmenos apenas iniciados e incapazes de uma forte teologia? – Pelo contrário, se se supõem que os destinatários da epístola são os fiéis de Roma, tudo se harmoniza maravilhosamente. As passagens 6:10; 10:32 e seguintes; 13:3 e 7 são alusões claras à perseguição do ano 64; a passagem 13:7 aplica-se à morte dos apóstolos Pedro e Paulo; enfim οἱ ἀπό τῆς Ἰταλίας (Os da Itália vos saúdam) justifica-se desse modo perfeitamente, porque é natural que o autor envie à Igreja de Roma as saudações da colônia dos Italianos que estava em volta dele. Acrescente-se a isto que a primeira epístola de Clemente Romano (obra com certeza romana) se serve por muitas vezes da Epístola aos Hebreus, decalcando-lhe o modo de exposição por uma forma evidente (RENAN, Ernesto. O Anti Christo. Porto, Portugal: Livraria Chardron de Lello e Irmão. Introdução, p. XVIII-XIX).

13 – RAVASI, Gianfranco. A Boa Nova: as histórias, as ideias e os personagens do Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 307.

14 – O Cânone de Alexandria – O nome Alexandria provém do fato de que muitos judeus viviam nesta cidade e produziam literatura religiosa no templo. Como falavam o grego, traduziram o Pentateuco no ano 250 a.C., os outros livros da Bíblia foram traduzidos no ano 150 a.C.. Tal tradução é conhecida como Septuaginta, por terem sido 70 especialistas (segundo a tradição) que nela trabalharam. Muitos com muita razão consideram o número 70 apenas uma referência à numerologia judaica para um número perfeito.

15 – Faltas dos copistas gregos – é curioso que a passagem bíblica de Hb 10:5: “Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste”, não se encontre em nenhum outro lugar do Novo Testamento. RENAN (O Anti Christo, p. XVI) coloca os versículos 37 e 38 entre as faltas dos copistas gregos, realmente soa estranha a tradução do versículo 37: “Porque ainda um pouquinho de tempo (outra tradução diz “um pouquinho de tempo”; a da Bíblia de Jerusalém traz “muito pouco tempo”) e o que há de vir virá e não tardará”.

Só mesmo uma fé cega para que se leve como verdade absoluta todos os escritos da Bíblia, necessário se faz a análise do contexto histórico e cultural, sem o que é perdermo-nos em divagações teológicas e forçando concordâncias entre os textos.

16 – Constantino:

A afirmação de muitos cristãos de que Constantino abraçou o Cristianismo não suporta uma análise histórica, Constantino proibiu a perseguição aos cristãos porque queria a unidade do Império na política, na religião e no domínio territorial. Esta foi uma decisão acertada já que o Cristianismo no séc. IV estava em franca expansão (SANT’ANNA, Ocívio. Constantino e o Culto do Sol Invictus. O Rosacruz. 4º Trimestre, 2006 – n. 258. Cultura. p. 42-45).

Gordon Childe, um dos mais brilhantes arqueólogos do século XX chama Constantino de “o primeiro imperador cristão”, entretanto, diz que a conversão de Constantino pode ser interpretada como triunfo do totalitarismo:

Sem dúvida a Igreja não só conseguiu para si a tolerância e o fim das perseguições, mas também riquezas e direito de perseguir os outros. O preço disso foi a aprovação religiosa da ordem já existente na Terra. O imperador já não é mais "Senhor e Deus", mas transformou-se em "imperador ortodoxo e apostólico". Seu governo é uma cópia terrena e representativa da Soberania do Verbo Divino. No "Sagrado Palácio" de Istambul, a "Casa Divina" recebeu e emitiu "Mandatos Celestiais" como "Delegação Divina" (CHILDE, Gordon. O Que Aconteceu na História, p. 292).

17 – Reencarnação na Bíblia – Comparadas as palavras de Jesus, anotadas pelo discípulo amado, que do fato narrado foi testemunha ocular, com as passagens bíblicas citadas, chega-se à conclusão que os textos só fazem sentido quando interpretados à luz das doutrinas da pré-existência e da reencarnação. Ainda que o Evangelho de João tenha características que dão a entender não ter sido escrito por ele, "as partes narrativas encerram preciosas tradições, remontando em parte ao apóstolo João" (RENAN, Ernesto. Vida de Jesus. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 23).

15 Mediunidade

Os espíritas afirmamos que as manifestações mediúnicas são a prova incontestada da imortalidade da alma e da vida futura; é a mediunidade que nos tira do campo estritamente filosófico para nos atirar no campo experimental, os fenômenos obtidos através dela trazem-nos uma reflexão profunda sobre as perguntas: "De onde viemos?"; "Para onde vamos?", verdadeira angústia existencial do ser. A mediunidade, porém, veio dissipar tal dúvida e nos desvendar um mundo onde não há máscaras e a justiça jamais falha (1).

A mediunidade é um sentido ainda a ser explorado conscientemente pela humanidade, as pesquisas científicas como as da Parapsicologia e da recente Psicologia Transpessoal trazem para o homem a realidade deste sentido, que Kardec e pesquisadores outros de outrora já demonstraram a sua veracidade através de experiências perseverantes e honestas com médiuns diversos (2). Apesar disso, a ciência oficial tem os fenômenos da mediunidade como aspectos ainda desconhecidos dos processos cerebrais, a partir dos estudos do cérebro a ciência chegará um dia a reconhecer que algo diferente há, é o caso das pesquisas realizadas pelo Dr. Sérgio Felipe de Oliveira da Uniespírito na USP (Universidade de São Paulo), que

detectou maior número de cristais nos cérebros dos medianeiros (3); a faculdade mediúnica não é boa nem má em si mesma, “o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium” (O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XX, item 226, pergunta 1ª). O fato de a mediunidade ser uma faculdade radicada no organismo é o que vem a facilitar o avanço da ciência para a confirmação desta realidade, já que as experiências daquela se fazem no campo limitado da matéria. Todavia, a teoria do hiperespaço (4) vem causando alterações quanto à compreensão do universo, um espaço multidimensional de dez dimensões é um passo para uma fascinante viagem a este mundo paralelo que os espíritos nos relatam, basta atentarmos para as obras de André Luiz e de Yvonne Pereira que nos descortinam um pouco das vibrações e formas outras da matéria plástica do pensamento em outra dimensão. É o homem caminhando para um entendimento maior da Criação, o célebre cosmólogo Stephen Hawking declara:

Se de fato descobrirmos uma teoria completa, ela deve com o tempo ser compreensível em linhas gerais por toda a gente, não apenas por um punhado de cientistas. Então seremos todos, filósofos, cientistas e simples pessoas comuns, capazes de tomar parte na discussão de por que o universo existe. Encontrar a

resposta para isso seria o triunfo máximo da razão humana – pois então conheceríamos a mente de Deus. (HAWKING, Stephen. A Brief History of Time. APUD: KAKU, Michio, zz. 359).

Deixemos aos cientistas a tarefa de nos trazer novos esclarecimentos e nos voltemos aos fatos da História.

Os fenômenos mediúnicos, esclarecidos e explicados pelo Espiritismo, são a chave para um conhecimento claro de passagens da História consideradas fantásticas. A realidade do perispírito veio afirmar a possibilidade de tais fenômenos. A revelação dos espíritos sobre este corpo semimaterial foi confirmada por pesquisas feitas em Universidades do antigo mundo bipolar, a Universidade de Kirov, no Casaquistão, designou físicos, biofísicos e biólogos soviéticos para confirmarem ou não a existência de um corpo energético, as pesquisas confirmaram a existência desse corpo nas plantas, nos animais e no homem, deram-lhe o nome de corpo bioplásmico, concluindo também que este sobrevive à morte do corpo físico. Pesquisadoras norte-americanas divulgaram tais pesquisas e seus resultados no livro Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro. A pesquisadora da NASA, Bárbara Ann Brennan, não só confirmou a existência e sobrevivência deste corpo como também a

influência que ele tem nos processos patológicos e como pode ser “manipulado” através da técnica de imposição das mãos. O passe tão comumente aplicado nas casas espíritas tem, a partir dessas pesquisas, aval científico. Os resultados e conclusões da pesquisa de Bárbara Ann Brennan estão em seu livro Mãos de Luz.

Se este corpo energético ou bioplásmico é o modelo organizador biológico, sobrevive à morte do corpo físico e influencia nos processos de equilíbrio ou desequilíbrio orgânico, se é ele que estrutura o corpo para as ações deste, por que tal corpo não teria a propriedade de deslocar-se do corpo físico em determinadas circunstâncias? Sendo este corpo o responsável pelas ações psicossomáticas (de doenças e de curas), é ele também o responsável por fenômenos psíquicos e mediúnicos, como dissemos acima, o perísprito é a chave para a explicação de muitos fatos obscuros da História. Vejamos alguns deles.

Allan Kardec cita um fato descrito por Tácito no livro Histórias, liv. IV caps. LXXXI e LXXXII:

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam

por aquele príncipe... Esses prodígios redobram o desejo, que Vespasiano alimentava, de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes Egípcios, chamado Basílio, que ele sabia estar doente, em lugar distante muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílides viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basílides e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão e o nome de Basílides lhe ficou valendo por um oráculo. O Livro dos Médiuns”, 2ª Parte, cap. VII, item 120. (KARDEC, 2003).

Kardec relata também os fenômenos de bilocação ocorridos com Santo Antônio de Pádua e Santo Afonso de Liguori ("O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, cap. VII, item 119). Kardec ressalta que esses fatos não são tirados de lendas populares, mas da história da igreja. A história eclesiástica é farta fonte de exemplos de fenômenos psíquicos, dentre esses está o da "donzela de Domrémy", Joana D'Arc, que ouvia vozes e tinha visões, apesar de sua luta e da confirmação do que as vozes e visões lhe diziam e mostravam, a jovem heroína foi condenada à fogueira pela Inquisição, em 30 de maio de 1431 o corpo de Joana era tomado pelas chamas, para depois Joana ser consagrada como santa pela própria instituição que a condenou: a "infalível" Igreja Católica (5).

Na Grécia antiga os oráculos estão sempre citados nas obras que nos legaram os grandes filósofos daquela terra, o oráculo de Delfos é muito conhecido por ter sido nele dito que Sócrates era o homem mais sábio de toda a Grécia (6), Sócrates nos dá uma lição de humildade ao responder: "eu conheço a minha ignorância".

Se fôssemos relatar os casos de premonição, bilocação e outros haveríamos de tornar este artigo muito longo com exemplos que podem ser facilmente encontrados na hagiografia e nos filósofos antigos, uma obra que contém diversos desses fenômenos é A Levitação, de Albert de Rochas, editado pela Federação Espírita Brasileira, também os livros Bases Científicas do

Espiritismo, de Epes Sargent, da mesma editora e o livro Mediunidade dos Santos, de Clóvis Tavares trazem inúmeros destes relatos.

Para concluirmos o rápido exame dos fatos que se encontram na História, vejamos alguns desses no Livro Sagrado do Cristianismo. Somente à luz da mediunidade podem ser compreendidas certas passagens bíblicas.

No livro do Êxodo 31:18 está escrito: "E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no Monte Sinai) as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo *dedo de Deus* (grifo nosso). No capítulo 32:15-16 assim está: "E voltou Moisés, e desceu do monte com as duas tábuas do Testemunho na sua mão... E aquelas tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escrita de Deus esculpida nas tábuas". A expressão "dedo de Deus" deixa claro o grau de entendimento que naquela época se tinha de Deus: era um ser antropomórfico que se arrependia e se irritava tanto quanto os homens. Para tentar driblar tal aspecto, os teólogos cristãos trazem a explicação que o antropomorfismo é usado como recurso da língua para expressar verdades sobre Deus, ora, como aceitar que homens do ano 1450/1410 a.C. tivessem transmitido um Deus antropomórfico para melhor expressar verdades sobre ele? Aqueles eram tempos de ignorância espiritual e só um Deus justiceiro haveria de ser escutado (cf. Êxodo, 32:25-28). As passagens que citamos sobre a recepção dos Dez Mandamentos tornam-se

perfeitamente compreensíveis quando aplicamos a ela o fenômeno de pneumatografia (escrita direta), aí a expressão "dedo de Deus" passa a ter um sentido claro para o leitor, o mesmo vale para a passagem de Deuteronômio, 5:22-23, aí o que se deu foi o fenômeno de voz direta (Ver também Êxodo, 24:12; Deuteronômio, 4:13; 9:10; 10:1-5).

Uma objeção que se coloca contra a prática mediúnica é a proibição de Moisés que consta em Deuteronômio, 18:11. Allan Kardec no livro O Céu e o Inferno, na 1ª Parte, cap. IX, faz uma longa e excelente análise de tal proibição, afirmando que tal se deu pelo abuso que os homens faziam de tal faculdade e, para confirmar que este era verdadeiramente o motivo da proibição, Kardec cita passagens bíblicas que constam do livro do profeta Isaías: Is, 8:19; 44:25; 47:13-15; 57:3-6. No entanto, Moisés não a proibia quando voltada para ideal nobre, é o que se depreende de Números, 11:27-29, em que Moisés louva a mediunidade de Eldade e Meldade, digno de nota é a expressão "o Espírito repousou sobre eles", indicando que estavam sob uma influência externa.

O capítulo 28 do primeiro livro de Samuel é explícito quanto à possibilidade de se contatar os mortos, o versículo 14 poderia até deixar dúvidas sobre a identidade do espírito, pois afirma que Saul entendeu que era Samuel, mas tal dúvida não é possível porque os versículos seguintes (15 e 16) mostram claramente que

era Samuel que falava a Saul, a veracidade do fenômeno está comprovada pelo cumprimento das palavras que o espírito Samuel disse a Saul (ver o versículo 19 e o capítulo 31), mas por que Saul consultou a pitonisa de Em-dor, não era ele também profeta (médium)? O versículo 6, do cap. 28 de I Samuel é a resposta a tal questionamento: "E perguntou Saul ao Senhor, porém, o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas". Saul estava com a sua faculdade mediúnica interrompida, os bons espíritos o haviam deixado (I Samuel, 16:14), apesar disso Saul consegue contato com Samuel, mas este não louva a sua evocação: "Samuel disse a Saul: Por que me desinquietaste, fazendo-me subir?" (I Samuel, 28:15). A repreensão de Samuel a Saul nos faz entender por que Moisés proibiu a consulta aos mortos, Saul queria respostas sobre o reino, sobre o poder que tinha como rei e não sobre assunto de edificação espiritual. O abuso das faculdades mediúnicas é deixado bem claro: "... o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas". Essa passagem é muito clara, buscava-se conselhos pela oniromancia (adivinhação pelos sonhos), por consulta aos profetas (médiums) e o que é interessante, através de duas pedras: O Urim e Tumim. Essas pedras ficavam num dos bolsos das vestes dos sacerdotes e só estes podiam usá-las, as instruções sobre o uso do Urim e do Tumim encontram-se em Êxodo, 28:30 e Números, 27:12-21. Saul era um soldado

que havia sido ungido rei, portanto, não devia usar do Urim e do Tumim, as passagens de Êxodo e Números mostram que seu uso era para momentos específicos e para assuntos de importância espiritual. O Urim e o Tumim simplesmente afirmavam ou negavam, estas palavras significam "maldições" e "perfeições", é como o "sim" e o "não" da tábua ouija (a da famosa "brincadeira" do copo). Diante de tais fatos como podem os estudiosos (os biblistas) negarem a realidade do fenômeno mediúnic, quando este se encontra explícito nas páginas do Livro Sagrado?

Nas páginas da Bíblia encontramos as materializações, fenômenos pesquisados e observados por nomes como William Crookes e Zöllner; as suas experiências estão nos livros Fatos Espíritos e Provas Científicas da Sobrevivência da Alma, respectivamente. Em Daniel, 5:5, há um notável fenômeno de materialização e escrita direta, "apareceram dedos de mão de homem", esses dedos eram uma materialização produzida pelos espíritos, as experiências de William Crookes confirmaram que foi realmente tal fenômeno o que se deu:

Eu estava sentado perto da médium, a Sra. Fox; não haviam outras pessoas presentes, além de minha mulher e uma senhora nossa parenta, e eu segurava as mãos do médium com uma das minhas,

enquanto que os seus pés estavam sobre os meus. Diante de nós, sobre a mesa, havia papel, e a minha mão livre segurava o lápis. Mão luminosa desceu do teto da sala e, depois de ter pairado perto de mim durante alguns segundos, tomou-me o lápis, escreveu rapidamente numa folha de papel, abandonou o lápis e, em seguida, elevou-se acima das nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na escuridão. (CROOKES, 1971).

As pesquisas científicas relativas à mediunidade nos dão a explicação de fatos que poderiam ser interpretados como miraculosos ou efeito da alucinação. É o caso da transfiguração de Jesus e a aparição de Moisés e Elias (Mateus, 17:1-8; Marcos, 9:2-13; Lucas, 9:28-36), Lucas dá um detalhe que não se encontra nos outros evangelistas, o versículo 32 diz: "E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e quando despertaram, viram a sua glória e aqueles dois varões que estavam com ele". Pedro, Tiago e João foram os médiuns que doaram ectoplasma para que Moisés e Elias se materializassem, eles estavam "carregados de sono". Nos fenômenos de materialização, em geral, o médium adormece, já que muita energia lhe é retirada, temos na transfiguração uma verdadeira sessão de materialização.

Com o entendimento espírita, a “ressurreição” de Jesus e suas aparições aos discípulos são um fenômeno real e nada tem de espantoso ou sobrenatural, nem foi uma alucinação coletiva (8). Os evangelistas narram as aparições de Jesus e, não raro, os seus discípulos não o reconhecem (Lucas, 24:13-49, 50-53; João, 20:11-18, 24-29; 21:1-8).

Após Jesus ter se elevado e desaparecido (Atos, 1:9-11), a mediunidade manifestou-se perante um público internacional, era o Dia de Pentecostes, também chamado de Festa da Colheita, comemorado 50 dias após a Páscoa, era um festa de ação de graças pelas colheitas e judeus de várias nações se reuniam em Jerusalém pela Festa de Pentecostes, como nos relata Lucas no livro de Atos, 2:1-6:

“Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua”.

Estava cumprida a profecia de Joel 2:28-29 e o desejo de Moisés (Números 11:29). Ocorreram três fenômenos no dia de Pentecostes, dois de efeitos físicos – “som, como de um vento veemente e impetuoso” e “línguas..., como que de fogo” – e um de efeito inteligente: “começaram a falar em outras línguas”, fenômeno de xenoglossia em que o médium sob a influência do Espírito fala em idioma que desconhece. Para um estudo aprofundado de tão empolgante assunto, aconselhamos a leitura do livro Xenoglossia, de Ernesto Bozzano, edição da FEB.

Após Pentecostes, a mediunidade estava tão difundida pelas igrejas que, em locais como Corinto, os ciúmes em relação à capacidade mediúnica estavam dividindo a Igreja. Paulo, no capítulo 12 da primeira epístola aos Coríntios, explica a distribuição de dons e no versículo 31 exorta: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente”. O que ocorreu na comunidade cristã de Corinto ocorre no meio espírita, há médiuns que querem ser dotados de todas as faculdades mediúnicas, não se contentando com a que Deus lhes outorgou, esquecendo-se da advertência de Paulo e do Espírito Sócrates:

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade,

pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas, ocupando-se de todo nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram por amor próprio, ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros. (O Livro dos Médiuns – 2º Parte, cap. XVI, item 198). (KARDEC, 2003).

Mediunidade é coisa grave e santa (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVI, item 10), a sua prática não se faz para agradar a este ou aquele grupo de pessoas, muito menos é para que o médium seja agraciado com os aplausos dos homens, ele como indivíduo é instrumento pouco importante (10), a discrição, a seriedade e a humildade são virtudes que nunca serão demais nos médiuns e exemplo é o que não

nos faltam como os de Chico Xavier, Yvonne Pereira, Peixotinho, Zilda Gama, João Nunes Maia, Newton Bochat, Benedita Fernandes e, claro, os dos médiuns que participaram na obra da Codificação.

No livro *Viagem Espírita em 1862*, editora O Clarim, Allan Kardec esclarece que os fenômenos que atraem os curiosos fizeram parte de um período, “é que, – diz Kardec – como os Espíritos o afirmam, a fase da curiosidade passou e já vivemos um segundo período, o da filosofia. O terceiro que começará em pouco, será o de sua aplicação à reforma da Humanidade”. Este terceiro período que os Espíritos colocaram para Kardec, ocorre em nossa era, mas já havia começado desde o tempo do Codificador, basta folhearmos as páginas instrutivas e consoladoras de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; as mensagens que os Espíritos hoje ditam estão a nos falar da urgente necessidade de vivermos o Espiritismo com Jesus, os médiuns moralistas despontam, no Brasil somos agraciados com as célebres obras de Emmanuel, André Luiz, Bezerra de Menezes, Joanna de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda, Camilo, Miramez e outros conhecidos na Seara Espírita, cada qual nos esclarecendo desde as passagens evangélicas quanto à complexidade de temas como a obsessão. Os espíritos trazem luz à nossa razão para que iluminada esta, luz se faça em nossos corações.

NOTAS:

1 – Veja-se O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, 2ª Parte, Exemplos.

2 – William Crookes, Epes Sargent, Albert de Rochas, Zöllner, Ernesto Bozzano, Camille Flammarion, Gabriel Dellane, Léon Denis, Alexandre Aksakof, Gustave Geley, Paul Gibier são alguns nomes de pesquisadores e cientistas de renome mundial que afirmaram a realidade do Espírito, infelizmente suas obras são esquecidas por muitos espíritas que buscam novidades, não desmerecemos as pesquisas atuais, mas os escritos desses homens afirmam a nossa fé raciocinada tanto quanto trazem resultados que são novamente confirmados por pesquisas recentes, que desenvolvem as precedentes.

3 – Glândula Pineal – Sobre tão cativante assunto é interessante que se estude o 1º capítulo do livro Missionários da Luz, de André Luiz, bem como assistir à palestra do Dr. Sérgio Felipe de Oliveira sobre a glândula pineal, acessível no <http://youtu.be/i-m34rTKJEg>.

4 – Hiperespaço – "(...) a teoria do hiperespaço, (...) afirma a existência de dimensões além das quatro conhecidas de espaço e tempo e comumente aceitas. Há um crescente reconhecimento entre físicos do mundo inteiro, entre os quais vários contemplados com o prêmio Nobel, de que o universo pode realmente existir num espaço de maior número de dimensões. Se sua correção for provada, essa teoria irá criar uma profunda revolução conceitual e filosófica em nossa compreensão do universo. Nos meios científicos, a teoria do hiperespaço é conhecida como teoria Kaluza Klein e supergravidade. Sua formulação mais avançada, porém, é chamada de teoria das supercordas, a

qual chega a prever o número preciso de dimensões: dez. As três dimensões habituais do espaço (comprimento, largura e profundidade) e uma de tempo são agora acrescidas de seis outras dimensões espaciais” (KAKU, Michio. op. cit., p. 8). O físico Stephen Hawking no livro O Universo em uma casca de noz, fala de um universo de 11 dimensões.

5 – Joana d’Arc – Para melhor compreensão dos fenômenos ocorridos com a “Virgem da Lorena”, leia-se Joana d’Arc, Médium, de Léon Denis.

6 – Sócrates e o oráculo de Delfos – Em seu julgamento fala Sócrates sobre as revelações délficas ao examiná-las comparando o seu saber ao de homens considerados sábios na sociedade grega: “Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei” (CURY, Fernanda. Sócrates. São Paulo: Minuano, 2009. p. 85-86 – grifo nosso (Coleção Iluminados da Humanidade).

7 – Urim e Tumim – eram pedras preciosas ou objetos planos que eram usados pelo sumo sacerdote que as guardava em um bolso de seu peitoral. A Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal – Versão Almeida Revista e Corrigida, ed. CPAD, 1995, traz a nota dos teólogos para Levítico, 8:8:

“(…) Alguns estudiosos pensam que o Urim representava a resposta negativa e o Tumim, a afirmativa. Após algum tempo de oração pedindo direção, o sacerdote chacoalhava as pedras e Deus fazia cair a apropriada. Outra teoria é de

que o Urim e o Tumim eram pequenos objetos com dois lados, que correspondiam às respostas "sim" e "não" respectivamente. O sacerdote tirava-os do bolso e os jogava. Se os dois objetos mostrassem a palavra "sim", a resposta de Deus era positiva. Aparecendo o "não" em ambos, tinha-se a negativa. Um "sim" e um "não" significava a ausência de resposta". O uso do Urim e do Tumim traz todas as características de uma evocação.

8 – Alucinação Coletiva – Ernest Renan era desta opinião sobre os fenômenos psíquicos e/ou mediúnicos acontecidos com os Apóstolos, escreve ele no prefácio de A Igreja Cristã: (...) Passado mais de um século sobre as extravagantes alucinações do Cenáculo dos Apóstolos de Jerusalém (...). Como ele, muitos interpretaram os fatos "sobrenaturais" das Escrituras como mitos, foi o caso de David Friedrich Strauss (1808-1874) que também escreveu uma Vida de Jesus, da mesma opinião era Bruno Bauer (1804-1872); Biné Sanglé quis provar a loucura de Jesus; Charles Hanchelin, no livro As Origens da Religião, volta com a tese de que Jesus era um mito, mas os trabalhos recentes de Charles Guignebert: Jesus e de James H. Charlesworth: Jesus dentro do Judaísmo resolvem o problema da existência histórica, estudam o Jesus histórico, não o teológico, dos altares e dos milagres, considerando Jesus tanto quanto Renan um homem vulgar. Talvez possamos falar desses homens o que o Espírito Erasto falou sobre Renan: "Ele é desses cegos inteligentes que explicam a seu modo o que não podem ver" (Obras Póstumas, 2ª Parte, Vida de Jesus por Renan).

9 – Judeus de várias nações – Em Atos 2:9-11 são mencionados os lugares em que viviam esses judeus. Devido às perseguições aos judeus, muitos foram levados cativos ou dispersados para várias partes do mundo deixando aí descendentes, tal o motivo de haver judeus espalhados em diversas nações.

10 – Objetivo da mediunidade – “Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma, ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as facilidades necessárias. Tenha-se, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os bons Espíritos não precisarão servir-se de instrumentos maus” (O Livro dos Médiuns, 2 Parte, cap. XX, item 226:5).

11 – Períodos do Espiritismo – O orador e médium Divaldo Pereira Franco faz uma análise sucinta dos diversos períodos por que passou e passa o Espiritismo, colocando seis períodos que se confundem através das épocas: o período da curiosidade; o período filosófico; o período de luta; o período religioso; o período intermediário e o da renovação social que é o desafio para o Centro Espírita do século XXI, o de implantar a renovação social na Terra, começando pela nossa transformação moral (Mediunidade: Encontro com Divaldo. p. 14-15).

12 – Médiuns moralistas – “as comunicações que recebem têm geralmente por objeto as questões de moral e de alta

filosofia. Muito comuns, quanto à moral” (O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XVI, item 193).

16 Obsessão nos Grupos Espíritas

A obsessão é um tema sempre colocado em nossos agrupamentos espíritas, no entanto, vê-se ainda, infelizmente, um desconhecimento da parte dos próprios adeptos sobre esta questão. O capítulo 23 da segunda parte de O Livro dos Médiuns e o capítulo XIV de A Gênese, a partir do item 45, nos trazem estudos que nos dão o conceito do que é obsessão, obsidiado e o reconhecimento de seus processos de instalação e o como agir para erradicá-lo. Além desses livros citados há outros, claro, de Allan Kardec e obras complementares como a coleção André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda e obras de dona Yvonne Pereira, devotada médium que muito se dedicou aos obsessores e obsidiados, entre estas obras indicamos: Dramas da Obsessão, do espírito Bezerra de Menezes; Devassando o Invisível, inspirada por Charles, Bezerra de Menezes, Léon Denis, Inácio Bittencourt e Leão Tolstoi; recordações da Mediunidade, orientada por Bezerra de Menezes; a trilogia Nas Voragens do Pecado, O Cavaleiro de Numiers e O Drama da Bretanha, do Espírito Charles; Amor e Ódio, do Espírito Charles; Sublimação, dos espíritos Charles e Leão Tolstoi e várias obras que contêm artigos de refinado valor doutrinário.

Adeptos há que se chocam ante posturas de outros adeptos que são incoerentes para com o Evangelho e a Doutrina Espírita e que se dão nos Grupos os mais diversos espalhados por nosso Brasil, esquecendo-se desta advertência de Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo: "*(...) Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem todos estar sob a mesma influência*" (Introdução, item II). Todo um Grupo Espírita pode estar sob o império de uma obsessão e, para os que se dedicam aos estudos e atuam com coerência doutrinária, não é difícil perceber tal fato.

Os Espíritos têm alertado muito em suas obras sobre este processo, vejamos o que nos diz o espírito Manoel Philomeno de Miranda na obra Transição Planetária:

E os discípulos do Consolador, como se vêm comportando? Não existem já as diferenças gritantes em separatismos lamentáveis, através de correntes que se fazem adeptas de X, Y ou Z, em detrimento da Codificação Kardequiana na qual todos haurimos o conhecimento libertador?! Não surgem, diariamente, médiuns equivocados, agressivos, presunçosos, vingativos,

*perseguidores, insensatos,
pretendendo a supremacia, em total
olvido das lições do excelente
Médium de Deus?! (MIRANDA,
2011)*

Por outro lado, surgem tentativas extravagantes para atualizar o pensamento espírita com a balbúrdia em lugar da alegria, com os espetáculos ridículos das condutas sociais reprocháveis, com falsos holismos em que se misturam diferentes conceitos, a fim de agradarem às diversas denominações religiosas, com a introdução de festas e atividades lucrativas, nas quais não faltam as bebidas alcoólicas, como os bailes estimulantes à sensualidade, com os festejos carnavalescos, a fim de atraírem-se mais adeptos e especialmente jovens, em vez de os educarem e orientarem, aceitando-lhes as imposições da transitória mocidade. Denominam-se os devotados trabalhadores fieis à Codificação, em tons chistosos e de ridículo, como os ortodoxos, e, dizem-se modernistas, como se os Espíritos igualmente se dividissem em severos e gozadores, austeros e brincalhões na utilização da mensagem libertadora do Evangelho de Jesus à luz da revelação espírita..." (capítulo 17 – Ampliando o Campo de Trabalho).

No capítulo 19 – Preparação para o Armagedom Espiritual, da mesma obra citada, diz Manoel Philomeno de Miranda:

Com certeza, embora as armadilhas perversas e as perseguições inclementes, ninguém, que se encontre desamparado, à mercê do mal, exceto quando se permite espontaneamente a vinculação com essas forças ignóbeis... Deter-nos-emos especialmente na área do movimento espírita comprometido com Jesus e sua doutrina, alvo primordial de determinados grupos da grei autodenominada como o Mal. Acercando-se dos médiuns invigilantes, vêm inspirando-os a comportamentos incompatíveis com as recomendações do Mestre Jesus e dos Espíritos Superiores através da Codificação Kardequiana, estimulando-os a espetáculos em que a mediunidade fica ridicularizada, como se fosse um adorno para exaltar seu possuidor. Concomitantemente, fomentando paixões servis nos trabalhadores afeiçoados ao socorro espiritual nas reuniões mediúnicas, fazendo-os crer que estão reencontrando seres queridos de outras existências, que agora lhes perturbam os lares e

facilitam convivências adúlteras em flagrante desrespeito aos códigos morais e aos do dever da família... Fascinação, subjugação que se iniciam discretamente e roubam o discernimento de muitos, constituem o jogo das Entidades insanas, aproveitando-se das debilidades ainda persistentes em a natureza humana... Além dessas ações nefastas, trabalham pela desunião de companheiros de lide espiritual, pela maledicência e calúnias bem divulgadas, como se estivessem trabalhando para senhores diferentes e não para Aquele que deu a vida em demonstração insuperável de amor e de compaixão por todos nós. Em determinadas situações, desencadeiam enfermidades de diagnose difícil, ocultando a sua interferência nos organismos debilitados e carentes de energias, levando ao fosso do desânimo pessoas afeiçoadas ao dever e comprometidas com a fraternidade legítima. Na área da caridade, movimentam os discutidores que perdem o tempo entre os conceitos

de paternalismo e de promoção social, olvidados do socorro que normalmente chega tarde, quando se aplicam as horas em ociosidade mental e divagação intelectual. (MIRANDA, 2011).

Não é de agora, porém, a investida das Trevas no Movimento Consolador, eis o que já nos colocava Yvonne Pereira:

A obsessão merece dos verdadeiros espíritas as mais acuradas atenções. Ela já se infiltra até mesmo 'no seio dos santuários', isto é, nos templos espíritas pouco vigilantes, promovendo ciúmes entre seus componentes, vaidades, dissensões, mal-entendidos, 'reformas doutrinárias' e demais operosidades que contrariam os postulados da Doutrina, haja vista o que, no momento se passa, quando detectamos agrupamentos espíritas, dantes vistos e reconhecidos como templos, a exercerem o perfeito intercâmbio espiritual, hoje reduzidos a meros clubes onde

verificamos de tudo: abusivas e inaceitáveis compras e vendas de 'lanches' e merendas, festas e cânticos, burocracia intransigente, diversões, recreios, mas não a 'casa do Senhor', de onde os Protetores Espirituais se retiram, e onde não mais contemplamos aquelas autênticas atividades próprias do Consolador, que eram o testemunho da presença do Cristo entre nós. E não se falando da 'mania', ora em exercício, de 'modificar', 'renovar' e 'atualizar' a Doutrina dos Espíritos, que, pelo visto, deixou de agradar àqueles que acima dela desejam colocar a própria personalidade. Afirmam os adeptos de tais movimentações que o Espiritismo 'evoluiu', e que tudo isso não é senão o 'progresso' da Doutrina. Mas tal asserção é insana, pois que a lógica e o bom senso indicam que a evolução do Espiritismo seria, em parte, a vinda de outras revelações do Alto, a comunhão perfeita do consolador com os homens, a pesquisa legítima e séria, e não a deturpação que vemos nos ambientes que devem ser

consagrados ao intercâmbio com o Alto, onde consolamos os mais infelizes do que nós, e onde somos consolados e instruídos por aqueles seres angelicais que nos amam e que, há milênios, talvez, se esforçam por nos verem redimidos de tantos erros. Certamente que muitos núcleos espíritas se conservam afinados com as forças do Alto, movimentando-se normalmente, sem as intromissões indevidas, que só podem desfigurar os ensinamentos que temos todos tido a honra de receber dos códigos doutrinários. (PEREIRA, 1994).

O que fazer para que a obsessão coletiva não grasse em nossos Grupos de trabalhos cristãos? No livro Dramas da Obsessão, orienta:

As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras

e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembleias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconsequência humana, cujo magnetismo, para tais assembleias e, portanto, para a agremiação que

tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja. Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitosas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e depreciações; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita,

será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-Túmulo como casas beneficentes, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer. (BEZERRA, 2010).

Oração, vigilância nos pensamentos, palavras, atitudes, sinceridade e lealdade de sentimentos para com os companheiros de Causa, eis o que devemos estar a realizar cotidianamente para nossa própria defesa.

17 Férias Espíritas?

Tema que sempre gera polêmica na época do fim de ano e do verão é a questão de se parar na Casa Espírita com esta ou aquela atividade. Não se há férias na Casa Espírita, pois o significado de férias é o de descanso coletivo e, em regra, isso não ocorre na Casa Espírita, há, sim, os irmãos e irmãs que viajam no verão e em festas de fim de ano, porém, isso não representa a Casa Espírita fechar as portas.

Trabalho é que não falta nas agremiações espiritistas seja em que época do ano for. No entanto, por ausência de trabalhadores, algumas atividades poderão não ter como se lhes dar continuidade. Assim como, por decisão da direção da Instituição, pensando o momento, certos trabalhos poderão ter um intervalo neste período. Consideramos que as palestras públicas, a permanência de uma atividade de estudo, especialmente, das Obras Básicas, é o que não se deverá parar, e outros trabalhos como os de aconselhamento para os que recorrem aos núcleos espíritas, amargurados, angustiados, questionadores.

Obviamente que o ideal seria que se desse continuidade a todas as tarefas que a Casa Espírita tem por proposta, se apresenta uma questão grave, porém: no nosso atual estágio evolutivo, estamos preparados

para seguirmos sem uma parada com este ou aquele trabalho que voluntariamente aderimos? Quantos irmãos e irmãs, por vezes, nos dizem que ao chegar esta época do ano se sentem exaustos, esgotados, bastante estressados?! Um período de repouso em algumas atividades e realização de outras seja na Casa Espírita ou nas localidades em que se estiver será que não poderão contribuir para um refazimento de energias, claro que não esquecendo da responsabilidade na conduta.

Claro que temos exemplos de trabalhadores incansáveis como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, no entanto, percebemos que, mesmo nas esferas espirituais próximas à Terra, como a Cidade Espiritual Nosso Lar, os trabalhadores necessitam de descanso. Vejamos o que nos narra André Luiz no capítulo 36 do livro "Nosso Lar":

Nada obstante o convite amável da genitora de Lísias para que voltasse a casa por descansar. Tobias pôs à minha disposição um apartamento de repouso, ao lado das Câmaras de Retificação, e aconselhou-me algum descanso. De fato, sentia grande necessidade do sono. Narcisa preparou-me o leito com desvelos de irmã. Recolhido ao quarto confortável e espaçoso, orei ao Senhor da Vida agradecendo-Lhe a

bênção de ter sido útil. A 'proveitosa fadiga' dos que cumprem o dever não me deu ensejo a qualquer vigília desagradável. (LUIZ, 2011)

Percebe-se que a necessidade de repouso do corpo perispirítico ainda denso, como no caso de André Luiz, mesmo já trabalhando no auxílio aos enfermos de vária ordem se fez preciso.

Encontramos também em "Nosso Lar" a questão das férias propriamente ditas, narra André Luiz, no capítulo 8 – Organização de Serviços –, estes esclarecimentos de Lísias:

(...) Ali vive o nosso abnegado orientador. Nos trabalhos administrativos, utiliza ele a colaboração de três mil funcionários; entretanto, é ele o trabalhador mais infatigável e mais fiel que todos nós reunidos. Os Ministros costumam excursionar noutras esferas, renovando energias e valorizando conhecimentos; nós outros gozamos entretenimentos habituais, mas o Governador nunca dispõe de tempo para isso. Faz questão que descansemos, obrigando-nos a férias periódicas, ao passo

que, ele mesmo, quase nunca repousa, mesmo no que concerne às horas de sono. Parece-me que a glória dele é o serviço perene. Basta lembrar que estou aqui há quarenta anos e, com exceção das assembleias referentes às preces coletivas, raramente o tenho visto em festividades públicas. Seu pensamento, porém, abrange todos os círculos de serviço, sua assistência carinhosa a tudo e a todos abrange. (LUIZ, 2011).

Não queremos aqui justificar a parada desta ou daquela atividade na Casa Espírita com o ensinamento dos Espíritos, mas eles, compreendendo a necessidade de repouso como Lei Natural (questões 682 e 683 de O Livro dos Espíritos) não deixam de respeitá-la e praticam-na.

Outra questão muito levantada neste período em relação às atividades na Casa Espírita, é a referente às reuniões mediúnicas: deve-se parar ou não?

Antes de responder a esta questão deixemos aqui palavras do Dr. Bezerra de Menezes sobre esta questão ao narrar a História de Leonel e os Judeus no livro "Dramas da Obsessão" por Yvonne Pereira:

Em verdade ser-nos-ia dispensável aquela reunião [mediúnica]. Resolveríamos, sim, o lamentável drama espiritual, dispensando o concurso humano. Mas três fatores existiam, poderosos, que nos animavam ao feito: – ensinamento e aprendizado para os próprios homens, que urgentemente necessitam conhecer os grandes dramas da Humanidade distendidos para o Além-Túmulo; ensejo para os médiuns e cooperadores terrestres nos setores da Fraternidade, que assim se habilitariam à prática de inestimável feição de Beneficência, e mais facilidade para a conversão dos endurecidos Espíritos diante do fenômeno mediúnico-espírita, cujo aspecto impressionante é de grande importância para um desencarnado. (BEZERRA, 2010).

Diante desses esclarecimentos do Dr. Bezerra de Menezes, ficamos a pensar que se passaram dezoito séculos sem que houvesse reuniões mediúnicas de desobsessão e, por isso, este trabalho não era realizado no Além? Pelo contrário, Dr. Bezerra deixa bem claro em

sua afirmação: "Resolveríamos, sim, o lamentável drama espiritual, dispensando o concurso humano", deixando claro que os Espíritos possuem recursos, inclusive o da mediunidade no Além, conforme narrado em livros como "Memórias de um Suicida" e nas obras de André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda, respectivamente. Portanto, mediunidade é de ensinamento e aprendizado para nós, é a oportunidade que aprendemos a enxergar de perto as consequências de nossos atos bons ou ruins.

Em se falando de reuniões mediúnicas e período de férias, preciso é se pensar naqueles companheiros (as) que se comprometeram com seus filhos a levá-los a este ou aquele local em viagem no verão; daqueles que aproveitam este período para visitar parentes distantes, muitos estando até enfermos; nos cabe aqui a compreensão para com eles e lembramos aqui do capítulo 22 - Ausência Justificada - do livro "Desobsessão", de André Luiz:

Frequentemente, surge o caso da impossibilidade absoluta de comparecimento desse ou daquele companheiro às atividades predeterminadas. Uma viagem rigorosamente inadiável... Um problema caseiro de grave expressão... Exigência profissional inopinada... Enfermidade súbita...

Que o amigo numa situação assim não olvide o compromisso em que se acha incurso na obra de desobsessão e expeça um aviso direto, sempre que possível com antecedência mesmo de horas ou minutos, ao dirigente da reunião, justificando a ausência, para evitar indisciplinas que ocorrerão fatalmente, no campo mental do grupo, através de apreensões e considerações descabidas. De qualquer modo, ainda mesmo com número reduzido de participantes, a reunião pode ser efetuada. (LUIZ, 2014).

Seria ideal não se parar com tal atividade, mas, se a direção da Casa decide por parar, isto nos deixaria sem trabalho? E os estudos? As palestras públicas? Os passes? Os aconselhamentos? Tudo isso não é trabalho? Também não é mediunidade em ação pelas vias da intuição? Não seria apego aos trâmites fenomênicos àqueles que insistem em que tal atividade não pode parar? O que é essencial: a reforma moral ou a mediunidade? Reflitamos.

Seria e é muito nobre a Casa que não para com nenhuma de suas atividades. Repetimos, este o ideal, porém, que não julguemos o que isto realizam, pois,

como falamos acima, há atividades que não deixam de ser realizadas.

Encerrando este artigo, deixamos aqui a mensagem Férias Espíritas, do Espírito Albino Teixeira, psicografia de Chico Xavier e que consta no livro "Caminho Espírita", lição 77. Os Espíritos atentos a este período não nos deixaram órfãos de Instrução.

Férias Espíritas

Dedicamos aos companheiros espíritas algumas sugestões para o tempo de férias.

Viajar, se possível, no rumo de instituição consagrada à assistência, cooperando, por alguns dias, no tratamento de irmãos em provas maiores que as nossas como sejam; os obsidiados em posição difícil ou os doentes semidesamparados.

Devotar-se à pregação ou à conversação doutrinária, nos lares de caridade pública, onde estejam irmãos hansenianos, tuberculosos ou portadores de moléstias que requisitem segregação.

Auxiliar, de algum modo, aos que jazem nos cárceres.

Ensinar os princípios espíritas, evangélicos, nas organizações doutrinárias mais humildes, comumente sediados na periferia de cidades ou vilas, colaborando na sementeira da Nova Revelação.

Executar um programa de visitas fraternas aos parálíticos, cegos, enfermos esquecidos ou agonizantes no local de residência.

Observar com respeito e discrição o ambiente doméstico das viúvas em abandono, enumerando sem alarde as necessidades materiais que aí se destaquem e atendendo-as quanto seja possível.

Contribuir com algum serviço pessoal para a segurança e conforto do templo espírita que nos beneficia, qual seja: a pintura ou renovação de paredes, a restauração de utilidades, a reparação de livros edificantes ou tarefas concernentes à ordem e à limpeza em geral.

Reunir material de instrução doutrinária, tais como: jornais e impressos espíritas, distribuindo-os através de prisões e hospitais, onde permanecem irmãos desejosos de mais amplos conhecimentos.

Costurar para os necessitados, principalmente no sentido de melhorar a rouparia de orfanatos, creches e lares outros de assistência espírita-cristã.

Preparar o enxoval para algum pequenino, em vias de renascer nos distritos de penúria e sofrimento.

Criar a alegria de um enfermo, largado ao próprio infortúnio, ou de uma criança que a provação situou em constrangedoras necessidades.

Pense nas suas férias e não permita que a sua oportunidade de elevação venha a escapar.

Albino Teixeira

18 O Zika Vírus Veio Para Legalizar o Aborto?

O atual surto de pessoas infectadas com o vírus Zika e de mulheres que têm dado à luz crianças portadoras de microcefalia, tendo sido apontado o vírus por principal causador desta deficiência, vem trazendo à tona a discussão sobre a legalização do aborto.

Segundo o comissário de direitos humanos da ONU, Zeid Ra'ad Al-Hussein declarou sobre o direito ao aborto: "As leis e as políticas que restringem acesso a esses serviços devem ser urgentemente revistas, em consonância com os direitos humanos, a fim de garantir o direito à saúde para todos".

Esse comunicado do comissário da ONU leva a refletir sobre quando começa a vida, o que diz a ciência sobre o assunto, em que semana de gestação a microcefalia é detectada e quais as outras causas desta deficiência. É o que colocaremos nos parágrafos a seguir.

A Embriologia Humana, ramo das Ciências Biológicas, diz que a vida começa na concepção:

Keith Moore and T. V. N. Persaud, *The Developing Human: Clinically Oriented Embryology* (6th ed. only) (Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1998):

"O desenvolvimento humano é um processo contínuo que inicia quando um ovócito (óvulo) de uma fêmea é fertilizado pelo esperma (ou espermatozoide) de um macho..."

"(...) mas o embrião começa a se desenvolver logo que o ovócito é fertilizado." (p. 2)

"Zigoto: esta célula resulta da união de um ovócito e um espermatozoide. Um zigoto é o início de um novo ser humano (ou seja, um embrião)." (p. 2)

"O desenvolvimento humano inicia na fertilização, processo durante o qual o gameta masculino ou espermatozoide (...) une-se com um gameta feminino ou ovócito (...) para formar uma célula única, chamada zigoto. Esta célula altamente especializada e totipotente marca o início de cada um de nós como um ser individual." (p. 18)

William Larsen, Human Embryology (New York: Churchill Livingstone, 1997):

"Neste texto iniciamos nossa descrição do desenvolvimento humano com a formação e diferenciação das células femininas e masculinas ou gametas, que unem-se na fertilização para iniciar o desenvolvimento embrionário de um novo indivíduo. (...) A fertilização ocorre nas Trompas de Falópio (...) resultando na formação de um zigoto contendo um único núcleo diploide. Considera-se que o desenvolvimento embrionário inicia-se neste ponto." (p. 1)

"Este momento da formação do zigoto pode ser considerado como o início ou momento zero do desenvolvimento embrionário." (p. 17)

Ronan O'Rahilly and Fabiola Muller, *Human Embryology & Teratology* (New York: Wiley-Liss, 1994):

"A fertilização é uma etapa importante, pois, sob condições normais, um novo e distinto organismo humano é assim formado." (p. 5)

"A fertilização é o processo de eventos que inicia quando um espermatozoide faz contato com um ovócito (...)." (p. 19)

"O zigoto (...) é um embrião unicelular." (p. 19)

A Doutora, Alice Teixeira Ferreira, em seu artigo – *A Origem da Vida Humana e o Aborto* (1), diz:

"Em 1839, Schleiden e Schwann, ao formularem a Teoria Celular, foram responsáveis por grandes avanços da Embriologia. Conforme tal conceito, o corpo é composto por células, o que leva à compreensão de que o embrião se forma a partir de uma ÚNICA célula, o zigoto, que por muitas divisões celulares forma os tecidos e órgãos de todo ser vivo, em particular o humano. Com base nestas evidências experimentais, o Papa Pio IX aceitou a concepção como a origem do ser humano, em 1869. Não se trata, portanto, de um dogma religioso, mas da aceitação de um fato cientificamente comprovado. Para não dizer que se trata de conceitos ultrapassados, pode-se verificar que TODOS os textos de Embriologia Humana consultados, nas suas últimas edições, afirmam que o desenvolvimento humano se inicia quando o ovócito é fertilizado pelo

espermatozoide.” TODOS afirmam que o desenvolvimento humano é a expressão do fluxo irreversível de eventos biológicos ao longo do tempo, que só para com a morte. TODOS nós passamos pelas mesmas fases do desenvolvimento intrauterino: fomos um ovo, uma mórula, um blastocisto, um feto. Em todos os textos, os autores expressam sua admiração de como uma célula, o ovo, dá origem a algo tão complexo como o ser humano. Alguns afirmam tratar-se de um milagre.

Em 2002, na revista *Nature*, Helen Pearson relata os experimentos de R. Gardener e Magdalena Zernicka-Goetz, na qual demonstram que o nosso destino está determinado no primeiro dia, no momento da concepção. Mais recentemente, também na *Nature* (2005), Y. Sasai descreve os fatores/proteínas que controlam o desenvolvimento do embrião a partir da concepção, descobertos por Dupont e colaboradores. O embriologista Lewis Wolpert chega a afirmar que o momento em que o ovo começa a se dividir é o momento mais importante de nossa vida, mais que o nascimento, casamento ou morte.

Tenta-se atualmente, através de uma retórica ideológica, justificar a morte de embriões e fetos com argumentos despidos de fundamentos científicos, tais como: "Não sabemos quando começa a vida do ser humano". Pelo visto acima, não é verdade. "O embrião humano é um montinho de células". Se fossem células comuns, certos pesquisadores não estariam tão

interessados nelas. São tão extraordinárias que dão origem a um indivíduo completo. "O embrião humano não tem cérebro e é comparável à morte cerebral". Comparação absurda, pois a morte cerebral é uma situação irreversível — não há maneira de recuperar os neurônios mortos — e o embrião dispõe das células pluripotentes, que vão originar o cérebro. "O embrião com menos de 14 dias não tem consciência porque não tem tecido neural". Mas este argumento decorre apenas e tão somente da separação entre mente/alma e o corpo operada pela filosofia cartesiana.

(* * *)

Assim, ser a favor da descriminalização do aborto equivale a ser conivente com o assassinato de embriões e fetos que, como vimos, já são vidas humanas. E, com isso, não há como concordar.

Atualmente, não se discute a realidade dos fatos biologicamente comprovados. Aceita-se que se está matando um ser humano através do aborto. Buscam agora justificativas "sociais" e para isto dão números falsos: O DATASUS relata 115 mortes de mulheres em 2004, no Brasil, causadas por aborto (a pesquisa não especifica se foram abortos provocados, ilegais etc.).

São enganosas as estatísticas de milhões de mortes referidas pelos que são favoráveis ao aborto.

A vida humana começa na concepção, isto é fato científico e confirma o que os Benfeitores Espirituais revelaram à Humanidade há mais de um século:

“344 – em que momento a alma se une ao corpo?”

– “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus” (KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 91. Ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008. p. 225).

(* * *)

Quando é detectada a microcefalia, em que semana de gestação?

O médico Artur Timerman diz que a microcefalia aparece no ultrassom no 6º mês de gravidez.

“No Nordeste do país, as alterações cerebrais dos fetos têm aparecido só por volta da 28ª semana de gestação.”

“Fazendo um acompanhamento [com ultrassom] mais frequente, podemos identificar alterações mais cedo”, afirma o obstetra Thomaz Gollop, professor da USP.

Já o obstetra Manoel Sarno, especialista em medicina fetal e que já acompanhou 80 casos de

microcefalia associados à Zika na Bahia, diz que “será improvável o diagnóstico antes da 20ª semana” (2).

Temos assim que a microcefalia só é detectada pelo 5º/6º mês de gestação, o que faz pensar e, muito, sobre se a prática do aborto diante deste caso não seria uma forma sutil de se implantar a busca pelo bebê perfeito...

Já em termos de Doutrina Espírita, os casos vários que têm ocorrido, mormente na região Nordeste do país, trazem a característica de um resgate coletivo de Espíritos que, por Ordem da Lei Divina, encontraram o momento preciso para a sua rearmonização com a Lei.

“Os diversos casos de microcefalia que estão ocorrendo por todo o Brasil e com mais intensidade no Nordeste, os números cada vez mais aumentando nos faz indagar: por que isso está acontecendo?

Para nós, espíritas, isso não é por acaso. Na visão da Doutrina Espírita esta situação enquadra-se nas chamadas provações coletivas; é um resgate coletivo. São espíritos que trazem necessidade de provas ou expiações semelhantes, nisto são atraídos a lugares ou situações as quais graves desequilíbrios desses espíritos são tratados em conjunto. Sobretudo nas doenças, chamadas de congênicas, que a criança já traz ao nascer, não se pode atribuir ao acaso ou a má sorte elas passarem por esta situação.

Há casos também em que esses espíritos reencarnam com este problema para ajudar os familiares

a desenvolverem boas qualidades, a terem mais paciência, para desenvolver o cuidado com o próximo, a compaixão, a generosidade...

O Espiritismo nos esclarece que estamos num mundo de efeitos, de conseqüências, onde percebemos que na reencarnação encontra-se o "porque" para compreendermos o que está ocorrendo, as causas e as conseqüências. (3)

(* * *)

Causas da microcefalia:

"O que pode gerar uma microcefalia? (5)

Tânia Saad: A microcefalia é uma situação bastante antiga dentro da medicina. Justamente porque ela não tem uma única causa. Os vírus, de uma forma geral, podem causar microcefalia. O que a gente mais conhece é o vírus da rubéola, um dos mais antigos e que a gente já tem campanhas para evitá-lo, como a vacinação. Mas o citomegalovírus, que parece uma gripe para a mãe, também pode ser causa de microcefalia. O herpes vírus, a toxoplasmose, alguns estágios da sífilis, menos frequentemente, mas além desses quadros que são infecciosos, você também pode ter alterações do metabolismo do bebê, causando isso; você pode ter alterações do fluxo da placenta, da quantidade de sangue com nutrientes que passa da mãe para esse bebê. Por exemplo, problemas de pressão alta, que

muitas vezes acontecem durante o pré-natal, podem acabar gerando um crescimento intrauterino restrito, além da própria situação genética, muitas vezes é uma família que tem tendência a ter um crânio menor ou maior”.

Diante de tantas causas para a microcefalia, é justo que se pense na discussão da legalização do aborto, conforme tem explorado a mídia? E o combate ao vírus? Poucas são as notas colocadas sobre isso. Havendo tratamentos para rubéola, herpes, toxoplasmose, sífilis, seria justo dizer a uma mulher grávida e que tem essas doenças para ela abortar, quando é possível se ter um bebê saudável? Como ocorre em todos os casos de uma doença nova, é preciso aguardar tempo para que se tenha um tratamento a não permitir danos nem para as mães e nem para os bebês e, hoje, a ciência está bem avançada para auferir resultados em pouco tempo. Fazer desta questão trampolim para a legalização de um crime é deixar de atuar sobre a causa para se fixar em um efeito e que é provável, pois não se tem certeza da ligação do vírus Zika e casos de crianças com microcefalia. Vejamos:

Revista Científica – Nature – expõe a dificuldade de se dizer imediatamente da ligação entre o Zika vírus e os casos de microcefalia. Deixamos aqui o artigo inteiro em tradução livre (4):

Provando ligação Zika a defeitos de nascimento representa grande desafio.

Obtenção de provas conclusivas de qualquer forma poderia levar anos, dizem pesquisadores.

Erika Check Hayden
09 de fevereiro de 2016

As mulheres grávidas infectadas com o vírus Zika estão sendo monitorados para efeitos sobre seus fetos.

As autoridades de saúde pública estão investigando se o vírus Zika causou um aparente aumento no número de crianças nascidas com microcefalia, ou anormalmente cabeças pequenas, em pelo menos sete países. Mas para ser conclusiva e determinar que o vírus transmitido por um mosquito é o responsável poderia levar meses ou anos, dizem os pesquisadores.

Preocupações surgiram pela primeira vez no Brasil, que em novembro declarou uma emergência nacional de saúde pública. A partir de 2 de fevereiro foram investigados e encontrados 1.113 de 4.783 casos suspeitos de microcefalia relatados desde o ano passado, e se confirmou que 404 que poderiam estar ligados a Zika. Em 1º de fevereiro, uma comissão convocada pela Organização Mundial de Saúde disse que umnexo de causalidade entre Zika e microcefalia é "fortemente suspeito, embora ainda não cientificamente comprovado".

Isso não é por falta de esforço. Trabalho em curso inclui estudos de caso-controle para comparar as

taxas de infecção da Zika em bebês que nascem com microcefalia e naqueles sem ele, assim como o sequenciamento genético do vírus e os esforços para desenvolver um teste de diagnóstico molecular para a infecção Zika.

Fazendo o progresso tem sido difícil porque os cientistas sabem relativamente pouco sobre Zika; não existe um teste fácil de usar para diagnosticar infecções; e os médicos discordam sobre como definir microcefalia, afirma Bruno Andrade, imunologista do Instituto de Pesquisa da Fiocruz na Bahia, Brasil. "Tudo isso começou há menos de dois meses - que é quando tudo se aproximou", diz ele. "Estamos no meio desse pesadelo aqui."

Até agora, duas linhas de evidência apoiam uma ligação entre o vírus e a microcefalia. Casos de microcefalia no Brasil começou a subir cerca de 6 meses depois que as autoridades confirmaram a transmissão do Zika, sugerindo que o defeito pode ter sido causado por exposição in utero ao vírus. E pesquisadores no Brasil têm encontrado vestígios do vírus, ou anticorpos para ele, no líquido amniótico, cérebros ou fluido espinhal de 15 fetos e bebês diagnosticados com microcefalia.

Esta pesquisa é sugestiva, mas não conclusiva. "A maioria de nós acredita que é altamente plausível que Zika é a causa desta epidemia de microcefalia, mas precisamos de provas adicionais", diz Albert Ko, um médico em doenças infecciosas e epidemiologista na

Escola Yale de Saúde Pública, em New Haven, Connecticut.

Na esperança de produzir dados mais definitivos, o Ministério da Saúde está agora realizando criação de grandes estudos. Em um deles, os pesquisadores vão acompanhar 6.000 mulheres grávidas no nordeste do Brasil, para investigar os efeitos de Zika e de microcefalia.

Lacunas de conhecimento

Estudos epidemiológicos são muitas vezes complexos porque Zika provoca uma doença relativamente leve em adultos e não há nenhum teste amplamente utilizado para o vírus. Isso significa que a maioria das mães que participaram em estudos anteriores não foram diagnosticadas com Zika. Para resolver este problema, o Ministério da Saúde está agora a pedir se esses casos tinham sintomas do Zika em vez de eles terem sido diagnosticados com Zika.

Mas muitos pesquisadores dizem que os dados epidemiológicos sozinhos não vão convencê-los de uma ligação entre Zika e microcefalia; eles gostariam de ver a evidência de como e por que o vírus causa a doença.

Com isso em mente, os cientistas estão a desenvolver modelos animais para investigar os efeitos do Zika sobre o corpo, os tecidos que infecta e por que os cérebros fetais podem ser especialmente vulneráveis. "Há um monte de trabalho a investigação fundamental e

que é preciso fazer", diz Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas em Bethesda, Maryland.

É plausível, por exemplo, que Zika cruza da mãe para o bebê através da placenta, como fazem alguns vírus relacionados, tais como o vírus do Nilo Ocidental. Mas esses outros vírus não costumam causar danos ao cérebro infantil, por isso não é claro por que – ou como – o Zika pode fazer isso, diz David Morens, um conselheiro sênior para Fauci.

O vírus pode ser tóxico somente enquanto o cérebro de um feto ainda está desenvolvendo suas principais estruturas, nos dois primeiros meses de gravidez. Ou pode persistir no organismo por um longo período, o que explicaria por Zika é visto em bebês natimortos com microcefalia. "Se o insulto aconteceu logo no início, então por que é que o vírus presente em sete meses quando o aborto ocorre?", diz Morens. "Deve haver uma combinação de coisas acontecendo."

Outro enigma é o que faz com que essas mulheres e bebês sejam tão vulneráveis: a grande maioria das mulheres infectadas com Zika passa a ter bebês saudáveis.

Outro grande desafio continua: apoiar as crianças nascidas com microcefalia. Muitos vivem em "estado vegetativo" e podem passar a ter convulsões. Isso pode ser difícil para as suas famílias – muitos dos quais são pobres – para suportar.

"Temos que começar a estabelecer e a pensar em como vamos cuidar dessas crianças". Se houver uma ligação entre Zika e microcefalia, o número de bebês afetados pela condição poderia dizer como o vírus se espalha, ele adverte. "Não temos ideia de quão grande ele vai ficar."

Nature 530, 142-143 (11 de Fevereiro de 2016)

Aos que apregoam o respeito à opinião da mulher e de sua vida, dizemos duas coisas: primeiro é preciso orientar a mulher sobre quando a vida se inicia e em relação a planejamento familiar etc., do contrário teremos de admitir que as que se deleitam no sexo casual e que engravidam devem ter todo o direito de abortarem a vida que, por inconsequência, vieram e não lhes cabe agora arcar com as consequências de um ato inconsequente? Ah! – dirão alguns que o homem por não carregar uma vida em seu ventre tem uma carga menor e que tudo recai sobre a mulher, mas, e ela não pensou nisso antes?

Outra coisa é o que nos colocou um amigo ateu: "O Livro dos Espíritos, na questão 359 diz o seguinte: Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda? – 'Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe'. E fez um adendo filosófico dizendo que o ser que não existe se refere ali não à vida, mas ao fato de

não ser um indivíduo com todo um histórico de experiências como a mãe. Colocou então a seguinte questão a nós: A mãe tem um amor sublime pelo seu filho e renuncia a própria vida por ele, por que não se deixar a criança viva e se matar a mãe, até por que a mãe em seu amor sublime a isso concordaria plenamente? Ao que respondemos que a ética deixa bem claro que, no caso, a mãe é um ser com experiências e condições para cuidar de si, já o bebê ficaria privado do amor de sua mãe? E, por outra, como espírita, sabemos da possibilidade de ele ter uma nova encarnação.

Tudo o que aqui escrevemos nos apontam para o acerto do que nos disseram os Benfeitores da Vida Maior há mais de um século:

“Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando”.

Nem se alegue que não se deva por questões religiosas nesta discussão (e temos ouvido isso de espíritas?), no caso de nós, espíritas, isso é um contrassenso, pois que o Espiritismo é uma Ciência, conforme definição de Allan Kardec no Preâmbulo do livro “O que é o Espiritismo”: “O Espiritismo é, ao mesmo

tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem destas relações.

Podemos assim defini-lo:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos e de suas relações com o mundo corporal” (“6).

Recomendamos também uma leitura atenta do item 8 – Aliança da Ciência e da Religião, do capítulo I de O Evangelho Segundo o Espiritismo – Não Vim Destruir a Lei.

Para encerrar deixamos aqui a frase do cientista que continua liderando a ciência (7), Albert Einstein:

"A ciência sem a religião é paralítica – A religião sem a ciência é cega..."

Referências

ADIVINHAÇÃO e magia. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap1_2083-2195_po.html. Acesso em: 01/08/2014.

ALVES, Castro, (Espírito). **Castro Alves fala a terra.** Psicografado por Francisco Cândido Xavier, Waldo Vieira, Jorge Rizzini. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 2000.

ANTOLOGIA do mais além. Diversos espíritos, psicografada por Jorge Rizzini. [S. l.]: Pauta, 1993.

BEZERRA, Menezes de (Espírito). O complexo da obsessão. In: _____. **Recordações da Mediunidade.** Psicografia de Yvonne do Amaral Pereira. 6. Ed. Rio de Janeiro: FEB. 1989. p.175

BEZERRA, Menezes de (Espírito). **Dramas da Obsessão.** Psicografia de Yvonne do Amaral Pereira. 4. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

BOTELHO, Camilo Cândido (Espírito). **Memórias de um Suicida.** Psicografia de Yvonne do Amaral Pereira, com a orientação do Espírito Léon Denis. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

*CROOKES, William. **Fatos Espíritas**. 9. ed. Rio de Janeiro, Rj: FEB, 1971.*

DENIS, León. **No invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Paulinas, 1998.

*KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB. 2004. Cap. 20*

*KARDEC, Allan. **A Gênese**. 37.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.*

*KARDEC, Allan. **O Livro dos espíritos**. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. .*

*KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2003.*

LUIZ, André (Espírito). Nosso lar. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

LUIZ, André (Espírito). **Desobsessão**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 2014.

MENEZES, Bezerra de (Espírito). **Recordações da Mediunidade**. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. 6.ed. Rio de Janeiro, FEB, 1989.

MIRANDA, (Espírito), Manoel Philomeno de. **Transição planetária**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: Ed. Leal, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: um recurso para conselheiros. Genebra: OMS, 2006. p. 2 Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em: 01/08/2014.

Sementes de Paz. Espíritos diversos, psicografo por Leonardo Paixão. Campos dos Goytacazes, 2013.

PAIXÃO, Leonardo. **Sobre a poesia mediúnica**. Disponível em: <http://orebate-jorgehessen.blogspot.com.br/2014/07/sobre-poesia-mediunica.html>. Acesso em: 14/07/2014.

PEREIRA, Yvonne do Amaral. O flagelo do século. In: _____. **Cânticos do Coração**. Rio de Janeiro: CELD, 1994.

PIRES, J. Herculano. Revisão do Cristianismo. 4. ed. São Paulo: Paideia, 1996.

TAVARES, Clóvis, (Org.) Luz na escola: Chico Xavier na Escola Jesus Cristo de Campos/RJ. Belo Horizonte (MG): Ed. Vinha de Luz, 2010.